

ANA CARLA FIIRST DOS SANTOS PORTO

**O DESIGN NO CONTEXTO DAS HABITAÇÕES DE
INTERESSE SOCIAL EM CAMPO GRANDE - MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO/DOCTORADO
CAMPO GRANDE - MS
2019**

ANA CARLA FIIRST DOS SANTOS PORTO

**O DESIGN NO CONTEXTO DAS HABITAÇÕES DE
INTERESSE SOCIAL EM CAMPO GRANDE-MS**

Defesa apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado, da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Professora Doutora Maria Augusta de Castilho.

Linha de Pesquisa: Linha 1 - Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.

**CAMPO GRANDE - MS
2019**

P839d Porto, Ana Carla Fiirst dos Santos
O design no contexto das habitações de interesse social
em Campo Grande - MS/ Ana Carla Fiirst dos Santos
Porto: orientadora Prof.^a Dra. Maria Augusta de Castilho.--
Campo Grande, MS : 2019.
87 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Local) -
Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019

1. Desenvolvimento local - Design de interiores -
Conforto ambiental. I.Castilho, Maria Augusta de.
II. Título.

CDD: 728.696171

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "O design no contexto das habitações de interesse social em Campo Grande - MS".

Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

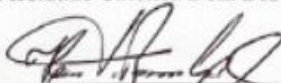
Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado/Doutorado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 25/11/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria Augusta de Castilho
Universidade Católica Dom Bosco



Prof. Dr. Heitor Romero Marques
Universidade Católica Dom Bosco



Prof. Dr. Henderson Fiirst de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP

"O lar deve ser o tesouro da vida."

Le Corbusier

(1887-1965)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me abonar com saúde, força e fé, para concretizar este sonho. Pois em todos os momentos da minha vida, em cada obstáculo e em cada vitória, tem sido meu guia e protetor.

Agradeço à Instituição pela oportunidade de trilhar este caminho em um ambiente acolhedor e amigável, incluindo-se aqui o corpo docente, direção e administração, viabilizando a ampliação dos meus horizontes. Maiormente pela minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho, pela brilhante mentoria no decorrer desses meses, depositando confiança na minha acanhada capacidade. Uma pessoa de coração benigno, que me adotou, ensinando a trilhar os caminhos da pesquisa científica com muita dedicação, paciência e carinho, como tudo que passa por suas mãos.

Muito obrigada ao Prof. Dr. Heitor Romero Marques, pelo interesse e contribuição em meu trabalho, Prof. Dr. Henderson Fiirst de Oliveira, vindo de longe, em meio a tantos compromissos, para prestigiar este momento, e à Prof. Dra. Ana Claudia Marques, que se fez presente na qualificação, tecendo nobres reflexões acerca do assunto.

Mas nada, absolutamente nada, seria possível, sem minha rede de apoio. Aqui incluo meus pais, sogros, meu esposo Silas e minha princesa Maitê. Após realizar o sonho de aumentar a família, me dediquei a prosseguir os estudos, me inscrevendo no processo seletivo do mestrado quando minha filha tinha apenas 5 meses. Ao falar de rede de apoio, soma-se o apoio moral, psicológico e financeiro, além dos cuidados com a bebê. Foram diversos congressos, seminários, palestras, workshops, artigos, atividades desenvolvidas com o grupo de pesquisa, e até viagens, mas a rede de apoio estava sempre presente nos momentos de minha ausência, não tenho palavras que expressem minha gratidão, por compreenderem que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

À minha mãe, por não me deixar desistir. À minha filha, por me fazer alcançar.

A todos que direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, e têm me dado oportunidades de demonstrar o que aprendi até o momento, ensinando outras pessoas. Posso dizer que amo lecionar!

Meus agradecimentos aos colegas de turma, companheiros de trabalhos, ressaltando a importância da Elaine, doutoranda do programa, que me abrigou desde o primeiro dia de aula, ao ver meus olhinhos brilhando aflitos, e à Karen, companheira do mestrado, caminhamos juntas, produzindo bons frutos, tenho a certeza de que vão continuar presentes em minha vida. As colegas de sala de aula viraram amigas afetuosas.

Meus sinceros agradecimentos aos auxiliares da pesquisa de campo, Valdery e Elaine, sendo de grande contribuição para esta pesquisa. Bem como a Janete, no auxílio com a formatação do presente trabalho. Cada pessoa que esteve à minha volta nesse processo, tem uma parcela de culpa por eu ter conseguido! Gratidão!

PORTO, Ana Carla Fiirst dos Santos. **O design no contexto das habitações de Interesse Social em Campo Grande - MS.** Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2019.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo as habitações de Interesse Social do Loteamento Bom Retiro, compõe a linha de pesquisa 1 - Cultura, identidade e dinâmica na diversidade territorial, do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Considerando a cultura e identidade como conceitos atrelados à memória e percepção das pessoas, este estudo busca identificar a importância do papel do design na retratação das características de um povo, seja por meio de um objeto, uma peça decorativa, um móvel. Associado ao conforto ambiental, a pesquisa tem foco no design de interiores, tema pouco aprofundado em conjunto com os conceitos supracitados. A soma de concepções de um indivíduo traduz-se em símbolos e representações, imagens e sons, cheiros e sabores, e o objetivo é alcançar um bom conforto ambiental, mesmo que em habitações populares, mediante a cultura, identidade e memória do morador. Para tanto, a pesquisa foi pautada no método indutivo-dedutivo, com uma abordagem quanti-qualitativa, bem como levantamento de fontes secundárias, partindo de diversos autores que retrataram, em separado, cada um desses conceitos, atrelando-os ao Desenvolvimento Local, e, por fim, aos fatores que integram o conforto ambiental. Com o intuito de interpretar o comportamento e perfil do morador das habitações de interesse social, foram realizadas observações a partir de experiências, deduzindo fatos ao analisar os dados coletados, ou seja, empírico-analítica. Através de fontes primárias, como aplicação de formulários e entrevistas, observou-se como o Projeto Ação Casa Pronta opera como um agente do Desenvolvimento Local na comunidade em estudo, em que o sonho da casa própria está sendo concretizado aos poucos por essas famílias, ao mesmo tempo em que extinguem-se as favelas e geram emprego.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local. Design de Interiores. Conforto Ambiental.

PORTO, Ana Carla Fiirst dos Santos. **The design in the context of social housing in Campo Grande - MS**. Dissertation (Academic Master in Local Development) - Dom Bosco Catholic University (UCDB), Campo Grande, 2019.

ABSTRACT

This work has as object of study the social housing of Loteamento Bom Retiro, composes the research line 1 - Culture, identity and dynamics in territorial diversity, from the Master Program in Local Development, from the Catholic University Dom Bosco (UCDB). Considering culture and identity as concepts linked to people's memory and perception, this study seeks to identify the importance of design's role in portraying the characteristics of a people, whether through an object, a decorative piece, or furniture. Combined with environmental comfort, the research focuses on interior design, a little in-depth theme in conjunction with the above concepts. The sum of conceptions of an individual translates into symbols and representations, images and sounds, smells and flavors, and the goal is to achieve good environmental comfort, even in popular dwellings, through the culture, identity and memory of the resident. To this end, the research was based on the inductive-deductive method, with a quantitative and qualitative approach, as well as a survey of secondary sources, starting from several authors who separately portrayed each of these concepts, linking them to Local Development, and, for this reason. Finally, the factors that integrate environmental comfort. In order to interpret the behavior and profile of the resident of social housing, observations were made from experiences, deducing facts when analyzing the collected data, ie, empirical-analytical. Through primary sources, such as application of forms and interviews, it was observed that the Action Project Ready House operates as an agent of Local Development in the community under study, in which the dream of home ownership is gradually being realized by these families, while at the same time as the slums are extinguished and create jobs.

Keywords: Local development. Interior Design. Environmental comfort.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Conceitos Interligados.....	20
Figura 2 - História do Design: principais marcos	29
Figura 3 - Equilíbrio simétrico.....	32
Figura 4 - Equilíbrio assimétrico	32
Figura 5 - Equilíbrio radial	33
Figura 6 - Círculo das Cores (disco de Newton).....	38
Figura 7 - Disco cromático e suas harmonizações.....	38
Figura 8 – Tabela: Relação da iluminação e leis da Gestalt.....	39
Figura 9 - Conforto ambiental.....	49
Figura 10 - Infográfico dos conceitos	50
Figura 11 - Mapa: Regiões Urbanas de Campo Grande - MS	56
Figura 12 - Mapa: Loteamento Bom Retiro	56
Figura 13 - Loteamento / comunidade Bom Retiro.....	57
Figura 14 - Área comunitária.....	58
Figura 15 - Projeto em perspectiva	59
Figura 16 - Planta Humanizada.....	59
Figura 17 - Casa pronta	60
Figura 18 - Fachada frontal	61
Figura 19 - Paginação de piso.....	61
Figura 20 - Pontos elétricos.....	62
Figura 21 - Casas consideradas confortáveis pelos moradores.....	71
Figura 22 - Ambientação inspirada no Pantanal.....	72
Figura 23 - Ambientação influenciada pela cultura campo-grandense.....	73
Figura 24 - Canteiro de obras.....	74
Figura 25 - Muros e improvisos	75
Figura 26 - Moradora capacitada para trabalhar na obra	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo	64
Gráfico 2 - Idade.....	64
Gráfico 3 - Cidade em que nasceu.....	65
Gráfico 4 - Estado civil	66
Gráfico 5 - Local que morava antes de ir para o loteamento Bom retiro	66
Gráfico 6 - Quantidade de pessoas que moram na casa	67
Gráfico 7 - Exercício de atividade remunerada	67
Gráfico 8 - Nível de escolaridade	68
Gráfico 9 - Formação profissional	69
Gráfico 10 - Em que se baseia/ inspira para mobiliar e decorar a casa	70
Gráfico 11 - Escolha da cor na fachada da residência	70
Gráfico 12 - Influência da cultura local na ambientação da casa	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ARCABOUÇO TEÓRICO - DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	14
3 CULTURA E IDENTIDADE EM CAMPO GRANDE - MS	22
4 DESIGN E CONFORTO AMBIENTAL.....	25
4.1 Histórico	26
4.2 Design: conceituação	30
4.3 Design de interiores e seus princípios	30
4.4 Luz e cor	34
4.5 Percepção visual e sinestesia	40
4.6 Ergonomia	42
4.7 Conforto ambiental	46
5 HABITAÇÕES MUNICIPAIS DE INTERESSE SOCIAL.....	51
5.1 Sobre a EMHA	51
5.2 A história do loteamento Bom Retiro.....	53
5.3 O projeto	58
6 PERCEPÇÃO DOS MORADORES	63
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICE.....	85

1 INTRODUÇÃO

Pode-se assinalar que o Brasil é um país multiculturalista, considerando seu processo de colonização, junto às imigrações e migrações ocorridas ao longo dos anos, unindo-se ao fato do país ser considerado um dos dez maiores em extensão territorial, bem como um dos mais populosos do mundo. É notória as distintas características culturais de cada região, visto que cada local desenvolve costumes próprios, seja pelo clima, situação econômica, tradições históricas, entre outros. Muitos são os fatores que se inter-relacionam a fim de construir a cultura e identidade de um povo, unindo crenças, ritos, tradições e comportamentos.

Sendo o design um processo de criação, infere-se que esteja intimamente ligado à valorização da cultura e identidade de um povo. Ademais, um determinado objeto pode ser um marco identitário de uma comunidade, podendo ser criado para enaltecer ou homenagear uma característica existente, ou sendo uma peça antiga, carregada de história e tradições.

O design de interiores, ao trabalhar com o *briefing*¹ do cliente, busca traduzir seus costumes e gostos, em forma de objetos e móveis, ou seja, produz os significados de uma vida, em uma peça. Mais uma vez percebe-se a importância do entendimento, projeção e posterior produção de um projeto de design, de apenas um objeto, ou de um conjunto deles, o que se pode denominar de design de ambientes, ou design de interiores.

Se é comum assinalar que cultura e identidade são termos que caminham juntos, propõe-se acrescer o design nesse conjunto de conceitos, incorporado ao entendimento dos costumes de uma pessoa, e, posteriormente, de um bairro, cidade, estado ou país, demonstrando a importância da representação de determinada característica, seja por meio de uma peça de decoração, um móvel, ou mesmo um ambiente visto panoramicamente.

A soma de concepções de um indivíduo, traduz-se em símbolos e representações, lembrando que, a cultura é instável, podendo ser alterada por interferência de um outro grupo, ou mesmo devido à crescente globalização, trazendo mudanças de pensamento em um núcleo social, com o passar do tempo.

¹ Entrevista realizada no primeiro contato com o cliente, busca apreender seu perfil, gostos, costumes, bem como as necessidades do espaço.

Adentrando o design de ambientes, faz-se necessária a compreensão do conforto ambiental, e os fatores ligados a ele. Sinteticamente, o nível de satisfação de um indivíduo dentro de um espaço, caracteriza o conforto ambiental. Dessa forma, um espaço com qualidades ergonômicas, boas condições acústicas, térmicas e visuais, permitindo realizar atividades habituais, de lazer ou trabalho, pode ser sentido e percebido por quem o usa.

Apodera, portanto, sobrevir acerca da sinestesia, visto que é o sistema sensorial que determina o conforto ambiental em dado espaço. Assim, a adequação de um ambiente envolve as condições físicas do espaço, junto às condições psicológicas de um indivíduo, o que torna o espaço percebido de formas diferentes por cada pessoa.

O estudo em tela impera destacar o conforto ambiental em habitações de interesse social, baseando-se na cultura e identidade locais, haja vista que esse grupo populacional não dispõe de condições de contratação profissional para projeção e decoração residencial. Importa analisar como a composição residencial, feita de forma autônoma e autodidata, caracteriza as raízes do sujeito, bem como a cultura local, mesmo despropositadamente.

Para tanto, após a base de um arcabouço teórico objetivando compreender os conceitos que o tema contempla, a pesquisa destaca um condomínio de habitação popular, na capital sul-mato-grossense, em busca de melhor conhecer os costumes locais que permeiam a cidade e a comunidade em questão - Bom Retiro. Também se identificará como os habitantes podem transportar sua realidade do dia-a-dia, para um ambiente melhor, fazendo com que o sujeito possa viver em seu habitat de forma confortável.

Nesse ínterim, objetiva-se fazer uma análise das habitações de interesse social, englobando seus materiais e elementos estruturais, junto à ambientação realizada pelo morador, utilizando os conceitos que serão previamente expostos, a fim de entender se existe um bom conforto ambiental nessas casas, relacionando a cultura e identidade do morador.

Estão entre os objetivos específicos da investigação proposta, a compreensão de conceitos básicos relacionados ao Desenvolvimento Local, como espaço, território, cultura e identidade; a relação desses termos com o Design; a formação e organização das habitações de interesse social, do programa do governo; e analisar o conforto

ambiental dessas habitações, para melhor compreender a relação da cultura com o design praticado nos ambientes.

O estudo teve uma revisão de fontes secundárias, partindo de diversos estudos realizados acerca de cultura, identidade, memória e Desenvolvimento Local, passando pelos conceitos de design, design de interiores, bem como suas características, chegando aos fatores que integram o conforto ambiental. O trabalho apresenta aspectos quanti-qualitativos, com o levantamento de informações acerca dos moradores de um condomínio de habitações de interesse social, em busca de interpretar o comportamento do morador, apreender sua opinião e perfil, portanto a pesquisa também foi exploratória, a qual pode ser classificada como empírico-analítica, em que a partir da observação de experiências, fazem-se deduções ao analisar os dados coletados.

Assim sendo, a dissertação encontra-se estruturada em 8 tópicos; primeiramente a Introdução, situando o leitor acerca do tema a ser tratado, objetivos e metodologia da pesquisa. O segundo tópico traça um arcabouço teórico sobre o Desenvolvimento Local, enquanto o terceiro aborda as características da identidade e cultura da população campo-grandense. O quarto tópico adentra ao design, design de interiores, princípios e elementos que englobam o conforto ambiental. O tópico seguinte reúne as informações a respeito do programa de habitações de esfera municipal, o condomínio que será analisado - loteamento Bom Retiro e suas características construtivas, para alcançar o tópico 6, que envolverá todo o resultado da pesquisa, com a análise dos dados obtidos. Por fim, o tópico 7 traz as Considerações Finais, seguidas das Referências.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO - DESENVOLVIMENTO LOCAL

De modo que se possa melhor compreender o tema exposto, bem como suas características, é primordial o reconhecimento de conceitos básicos, inseridos nesse contexto, assinalando os principais teóricos que, notadamente, escreveram acerca de cada termo. Vale sumarizar os itens chave da pesquisa, como identidade, cultura, comunidade e memória, passando pelos conceitos de espaço, território e paisagem, fundamentais à compreensão do Desenvolvimento Local.

A identidade e a cultura são termos intimamente ligados, sendo um indispensável à compreensão do outro. Bauman (2005) expõe um tempo em que a identidade humana de um indivíduo, era determinada pelo papel produtivo que ele desempenhava na divisão social do trabalho, quando o Estado garantia a solidez desse papel. Fazer da identidade um objeto de trabalho de toda uma vida, foi um ato de libertação dos costumes tradicionais.

O sentimento de pertença e a identidade são negociáveis e revogáveis, sendo que, as decisões tomadas pelo indivíduo, o caminho que ele percorre e a maneira como age, são essenciais para a formação da identidade (BAUMAN, 2005). Este autor destaca que, dificilmente uma pessoa é exposta a apenas uma comunidade de ideias e princípios, podendo ficar, inclusive, sobrecarregado de identidades. “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Assim, determinado indivíduo pode carregar a identidade da cidade em que vive, da escola que frequenta, ou do grupo religioso do qual participa. Essa identidade pode ser reconhecida pela comida que ele consome, pelas roupas que veste, pela música que ouve, pelos locais que frequenta. Pode-se enfatizar, portanto, que a soma de fatores culturais de dado grupo, influencia diretamente na identidade, seja ela individual ou coletiva.

Bauman (2005, p. 35) explica que o “anseio por uma identidade vem do desejo de segurança, ele próprio em sentimento ambíguo”, consumando que, em um mundo de individualização excessiva, as identidades oscilam entre sonho e pesadelo, não sendo possível afirmar quando um se transforma em outro. “Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido-modernas de identidade coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência” (BAUMAN, 2005, p. 38).

O mesmo autor sustenta que o termo multiculturalismo reflete a experiência de vida da nova elite global, que viajando, seja fisicamente ou por meio das redes sociais, encontra membros dessa mesma elite, falando a mesma língua e se preocupando com coisas em comum. Infere-se, desse modo, que a cultura e identidade são nada mais que influências, podendo ser positivas ou negativas.

Hall (2006) identifica três concepções diferentes acerca da identidade, começando pelo sujeito do Iluminismo, baseado na concepção da pessoa humana como um indivíduo dotado de razão, consciência e ação, permanecendo o mesmo ao longo de sua existência, sendo o centro essencial do eu, a identidade de uma pessoa. A segunda concepção seria do ponto de vista sociológico, em que “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente”, sendo formado por símbolos e valores em relações interpessoais no mundo em que ele habita (HALL, 2006, p. 11). A última concepção de identidade, no viés de Hall (2006, p.12), é o sujeito pós-moderno, tido como “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”, sendo transformada continuamente.

Corroborando com os pensamentos supracitados, Castells (2008) destaca que a identidade pode ser definida como fonte de experiências de um povo, sendo a soma de seus atributos culturais, e como toda e qualquer identidade é construída, pode haver múltiplas identidades. O conceito desse autor vai de encontro ao pensamento de Bauman (2005), ao assinalar que as identidades “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individualização” (CASTELLS, 2008, p. 23).

Em virtude da conceituação dos teóricos citados anteriormente, para o termo identidade, cabe aqui discorrer acerca do termo cultura, uma vez que são vistos juntos com frequência, como se um dependesse do outro. Valoriza-se, para isso, três autores, a começar por Ávila (2006), que avalia a cultura pelos ângulos sociológico, antropológico e filosófico.

Do ângulo sociológico, a cultura material inclui tudo o que é feito e transformado como parte da vida social, e a cultural não-material, abrangendo símbolos como crenças, normas e valores (ÁVILA, 2006). Esse autor justifica que, Edward Taylor foi considerado o primeiro a definir cultura do ponto de vista antropológico, quando citou os conhecimentos, crenças, leis, costumes, arte e moral, além de outras habilidades adquiridas pelo homem, como parte do complexo cultural.

Vale expor os pensamentos de Laraia (2001), autor que também é valorizado por Ávila (2006), destacando que, cada sistema cultural vive em constante mudança, e entender essa dinâmica é essencial para se evitar o choque entre gerações e, por vezes, evitar comportamentos preconceituosos. Por fim, do ponto de vista histórico-filosófico, o termo cultura abrange duas concepções básicas: a primeira recorrente da Antiguidade, enquanto a segunda prevalece a partir do Iluminismo (ÁVILA, 2006).

Ainda em posse dos estudos de Laraia (2001), a cultura é um processo que resulta de experiência históricas, passadas de geração a geração em um território habitado. Ademais, os antropólogos estão convencidos de que, sem a difusão cultural, não seria possível o grande desenvolvimento da humanidade, já que grande parte dos padrões culturais foram copiados de outros sistemas. Por conseguinte, do conceito de cultura surgiu o estudo da antropologia, e Geertz (2008) aprofunda o assunto em busca de limitar esse conceito, considerando-o essencialmente semiótico. Para tanto, assume a cultura como sendo uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Além das etiquetas enganadoras, dos tipos metafísicas e similaridades vazias, é necessário chegar aos detalhes para que se possa compreender o caráter essencial dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura. “Em qualquer sociedade particular, o número de padrões culturais geralmente aceitos e frequentemente usados é extremamente grande” (GEERTZ, 2008, p. 151). O fato de certos tipos de padrões e relações entre eles, reaparecerem de uma sociedade para outra, visto que as exigências orientacionais são genericamente humanas, facilitam essa tarefa.

Geertz (2008) corrobora que a cultura é concebida como uma teia de significados, na qual o próprio homem tece e se amarra a ela. É sabido, em consequência disso, o quanto a cultura é essencial à formação da identidade, devendo esses termos serem trabalhados em conjunto. Ora, se a cultura e identidade são determinadas por meio das características de um grupo, impera ressaltar o conceito de comunidade. O conjunto de pessoas que dividem o mesmo espaço, regido por normas e princípios, construindo sua identidade, um apoiando os problemas do outro, trazendo confiança em sua totalidade, sugere a ideia de comunidade (BAUMAN, 2003). De acordo com Redfield (1989), a comunidade se caracteriza por ser autossuficiente, de modo que atenda às necessidades do grupo e ofereça as atividades necessárias para as pessoas que fazem parte dele.

A ideia de consenso, segurança e bem-estar está atrelada ao conceito de comunidade. Segundo Tönnies (1979 *apud* Lemos, 2009), as relações que compõem

a comunidade podem ser de sangue, derivadas do parentesco, de lugar, como a vizinhança de um bairro, ou de amizade, em relação à identidade e semelhança das profissões.

A memória, por sua vez, contribui para o entendimento, considerando que as lembranças são coletivas, de acordo com Halbwachs (1990). Esse autor explica que, mesmo se tratando de um acontecimento em que só a pessoa mesma esteja envolvida, nunca se está sozinho. “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Este autor esclarece sua ideia, exemplificando um passeio a uma cidade nunca vista pessoalmente, onde a pessoa pode, aparentemente, passear sozinha, porém ao passar por determinado ponto turístico, lembra-se de um comentário que um amigo fez, sobre aquele mesmo ponto. Dessa forma, ao cruzar por prédios históricos, assemelha suas características a comentários já feitos na mídia, por arquitetos ou engenheiros e passando-se por um local que já foi alvo de grande tragédia, também será tomado por sentimentos e impressões ligadas a esse fato ocorrido. Ou seja, todo acontecimento novo, está interligado a um outro, de um passado próximo, ou muito distante.

Persistindo na ideia da memória ser coletiva, Halbwachs (1990) argumenta que as lembranças podem ser recordadas ao se reencontrar com um amigo de infância, em que cada um descreve determinada situação, de forma que as informações se unem e cada pessoa acaba se lembrando de mais detalhes daquele fato ocorrido.

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Para o autor acima citado, toda pessoa carrega consigo sentimentos e ideias originários de outros grupos, de forma que as lembranças se desencadeiam afetivamente. Halbwachs (1990) também coloca a possibilidade de uma memória estritamente individual, porém explica que dificilmente as lembranças desencadeiam momentos em que “nossas sensações sejam apenas o reflexo dos objetos exteriores.” Mesmo que dita individual, a memória não está totalmente isolada e fechada, podendo

um homem evocar seu passado, apoiando-se em lembranças de outras pessoas, limitado em um tempo e espaço.

A percepção pura e a lembrança, possuem diferença não de intensidade, mas de natureza, sendo que as percepções estão impregnadas de lembranças, e a lembrança se faz presente quando se toma emprestado o corpo de alguma percepção no qual se insere. Estes dois atos, percepção e lembrança, cruzam-se sempre, trocando algo de suas substâncias mediante um fenômeno de endosmose (BERGSON, 1999).

Nesse ínterim, é importante discorrer sobre o espaço e território, porquanto fazem parte da problemática apresentada, e constituem ferramenta importante para a compreensão do Desenvolvimento Local. Raffestin (1993, p. 144) simplifica a diferença entre espaço e território, ao afirmar que “o espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si.” Ao se aproximar de um espaço de maneira concreta ou abstrata, o ator territorializa o espaço.

No aporte de Santos (2006), o espaço é constituído pelas formas, mais as vidas que o animam, sendo heterogêneo, pois o próprio modelo geográfico é definido pela circulação que, por ser mais numerosa, detém o comando das mudanças de valor no espaço.

Depreende-se que, o espaço institucional do Estado, limitado por fronteiras, é um campo de oportunidades, pronto para ser territorializado, ou seja, alterado conforme as necessidades. Nessa perspectiva, espaço e território são temas análogos e tornam-se vitais para alcançar o significado de cada um. O espaço é anterior ao território e esse território se forma a partir dele, ou seja, torna-se o resultado de ação conduzida por um ator que realiza uma transformação.

Importa destacar, portanto, o significado de paisagem, que apresenta simultaneamente várias dimensões, sendo a morfológica “o conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 8). A paisagem é portadora de significados, expressando valores e crenças, ou seja, possui uma dimensão simbólica, e os autores supracitados ressaltam, entre os inúmeros significados de paisagem, a chamada paisagem geográfica, como um conjunto de formas naturais e culturais, em uma determinada área, sendo o tempo uma variável fundamental. Assim, a paisagem geográfica, também chamada de cultural, resulta da ação da cultura sobre uma paisagem natural.

As mudanças morfológicas na paisagem não são inócuas e não podem ser analisadas independentemente das práticas sociais. A produção de um novo contexto material altera a forma/paisagem e introduz novas funções, valores, objetos. Esses objetos, formas dotadas de conteúdo, permeadas pelas ações e contextualizadas por um sistema de valores, são imbuídos de significação e intencionalidade (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001, p. 12-3).

Para completar essa breve reflexão conceitual, vale narrar a respeito do Desenvolvimento Local, termo imprescindível à pesquisa em questão, estreitamente ligado aos termos descritos anteriormente, no viés de alguns autores que discorreram brilhante e extensamente acerca do assunto, a começar por Buarque (2002), que manifesta a ideia de que o Desenvolvimento Local é um processo endógeno de mudança, ocorrido em pequenas unidades territoriais e grupo humanos, trazendo melhoria da qualidade de vida. Este autor ressalta que o Desenvolvimento Local deve explorar as potencialidades locais, de modo que, por meio da competitividade da economia local, viabilize novas oportunidades sociais. Sob essa ótica, o autor aponta que esse desenvolvimento deve, ainda, conservar os bens naturais locais, na medida em que mobiliza a sociedade local, criando raízes sociais, econômicas e culturais, frente à capacidade da comunidade.

O desenvolvimento local é o resultado de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e a inércia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e de promover uma mudança social no território. Não pode se limitar a um enfoque econômico, normalmente associado às propostas de desenvolvimento endógeno, mas não pode minimizar a importância do dinamismo da economia (BUARQUE, 2002, p. 26).

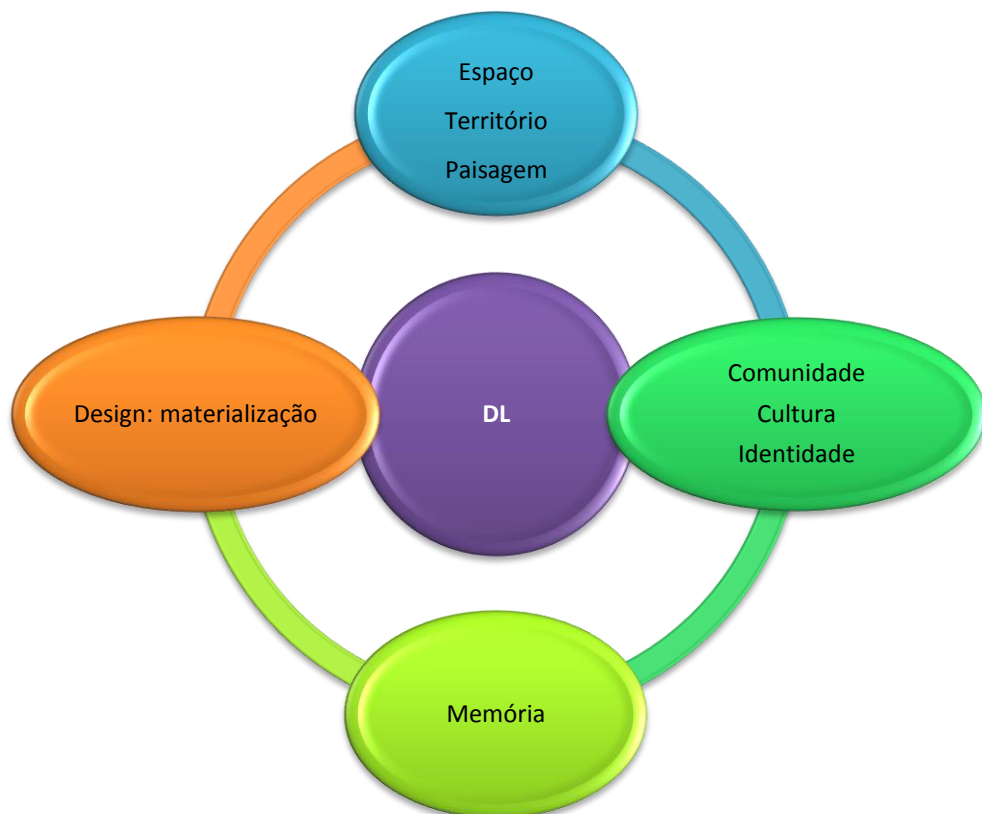
Pelo mesmo viés, Ávila (2006) compreende o Desenvolvimento Local a partir do desenvolvimento endógeno, ou seja, de dentro para fora, mas não deixa de citar a importância do desenvolvimento exógeno, definido a partir do momento em que a comunidade recebe ajuda por meio de agentes externos, contribuindo para a transformação da realidade local. Em conformidade com a ideia de Buarque (2002), explica que, no desenvolvimento endógeno, o indivíduo participa de forma ativa, potencializando suas competências e habilidades em prol de seu desenvolvimento.

Em tal perspectiva, vale citar o pensamento de Le Bourlegat (2000), fundamentada no fato de que a natureza em si, não determina o desenvolvimento do local, apesar de possuir potencial para isso, sendo que o desenvolvimento só acontece, “quando ocorre a articulação da lógica interna constituída na consciência

coletiva do lugar (o capital intangível) com as outras dimensões sociais de ordem material, incluindo-se aqui o ambiente natural e o ambiente construído” (LE BOURLEGAT, 2000, p. 19). A mesma autora identifica que o capital intangível, articulado ao ambiente construído, ganha significado e sentido, ou seja, a subjetividade coletiva e a materialidade construída, se complementam.

Impera recordar que, por se tratar de um processo em construção, não existe um conceito pronto de Desenvolvimento Local. O termo em questão visa a união de uma determinada comunidade, fazendo aflorar suas próprias capacidades em prol de um objetivo em comum. Enfrentar seus limites, em busca de crescimento econômico, desenvolve a relação entre os indivíduos, empoderando e promovendo a inclusão social. As informações trazidas nesse tópico, demonstram ser um ciclo contínuo (Figura 1), e o Design participa como parte do processo, visto que representa cada um desses conceitos, em sua forma física.

Figura 1 - Conceitos interligados



A busca pela materialização de uma ou mais características do povo de uma determinada comunidade, carregados de sua cultura e identidade próprias, envolvendo a memória, dependem do Design. Assim como, visando o conforto ambiental em seus lares, as famílias necessitam de objetos e móveis diversos, congregando o Design de Interiores.

3 CULTURA E IDENTIDADE EM CAMPO GRANDE - MS

A região de Mato Grosso do Sul foi uma das primeiras a ser explorada pelo homem branco, logo após a descoberta do Brasil. A história registra o acesso de Aleixo Garcia, que cruzou a Serra de Maracaju, atravessando o Rio Paraguai para chegar ao Peru, em busca das minas de prata, além de muitos outros aventureiros espanhóis e portugueses (RODRIGUES, 1980).

Foi no ano de 1872, que José Antônio Pereira saiu de Minas Gerais, acompanhado por seus filhos, para se aventurar em solos mais distantes, devido aos desdobramentos da Guerra do Paraguai. Em 1873 regressaram para Monte Alegre - MG, retornando com uma comitiva de 65 pessoas, em 14 de agosto de 1875, para as terras então conquistada (PEREIRA, 2001). Inicialmente, o conjunto de ranchos construídos localizavam-se desordenadamente em meio a vegetação existente e próximo ao córrego Prosa, mais tarde passaram a ser construídos com certo alinhamento, sendo assim o surgimento da primeira rua, hoje conhecida com o nome de rua 26 de Agosto (ZARDO, 1999).

Em 1877 foi construída a primeira igreja, onde foi exaltada a imagem de Santo Antônio, cumprindo a promessa que havia feito durante sua segunda viagem. Assim, após traçar os limites do povoado, José Antônio nomeou o local de Santo Antônio de Campo Grande. Em 1879 chegaram os Rezende, os Lino, os Alves e algumas outras famílias, vindas de Minas Gerais e Goiás, deixando a cidade com uma raiz mineiro-goiana. Em 1899 algumas famílias se mudaram no núcleo primitivo, fundando então as primeiras fazendas, que posteriormente passaram a proporcionar a sustentação socioeconômica ao povoado (ZARDO, 1999).

De acordo com Rodrigues (1980), em 26 de agosto de 1899, Campo Grande foi elevada à categoria de Vila, sendo determinada a criação do município, com 105 mil quilômetros quadrados, desanexando-o dos municípios de Miranda e Nioaque. O desenvolvimento do comércio se deu por meio dos árabes, portugueses, espanhóis e brasileiros, que se fixavam em Campo Grande (ZARDO, 1999).

A criação do Estado de Mato Grosso do Sul, em 11 de outubro de 1977, pelo Presidente Ernesto Geisel, estabeleceu Campo Grande como a capital da nova unidade federativa. Sendo o maior polo econômico da região, com duas Universidades, “sediando uma região Militar e a única Base Aérea de todo o estado,

além de localizar-se em posição geográfica maravilhosa que a situa praticamente equidistante dos mais remotos municípios do novo Estado”, a escolha de Campo Grande foi uma decisão acertada (RODRIGUES, 1980, p. 153).

Sigrist (1993) já destacava a forte influência paraguaia na música, dança, religiosidade e outras formas de expressões culturais, visto que o povo paraguaio preserva e valoriza os aspectos de sua tradição. Uma das grandes influências está na alimentação, sendo incorporada a chipa, uma espécie de pão de queijo, e a sopa paraguaia, nos hábitos alimentares sul-mato-grossenses. O hábito de tomar erva mate com água gelada, chamado de tereré, está presente até os dias atuais, assim como a polca paraguaia, conhecida por dança do limpa-banco, já que ninguém consegue permanecer sentado, ao ouvir a música ser tocada.

Observa-se, portanto, que mesmo sendo inicialmente povoada por mineiros, Campo Grande recebeu diversas etnias ao longo dos anos, sendo que a influência paraguaia é muito forte, local e regionalmente (SIGRIST, 1993). Considerada uma das capitais mais quentes do país, registra temperaturas entre 30 e 40º, o que influencia diretamente nos costumes e comportamento de seus habitantes, como as roupas e hábitos alimentares.

Uma forte atividade comercial estimulada pelo calor é a venda de sorvetes e açaí, que garantem movimento o ano todo. Além disso, outra opção para amenizar o calor é o tereré, hoje considerado um ponto forte da cultura campo-grandense. A garrafa térmica com água e muito gelo, acompanhada da cuia, é facilmente encontrada nas casas, escolas e comércios, bem como por todas as calçadas da cidade, reunindo os amigos para a roda do tereré. É notável, o calor deixa as pessoas mais receptivas e sociáveis, reunindo-se facilmente em parques, praças ou mesmo na frente de suas residências, para conviver, se refrescar, e se divertir (POMPEU JÚNIOR, 2003).

Desde a criação do estado de Mato Grosso de Sul, e Campo Grande elevada à situação de capital, discute-se se existe uma cultura sul-mato-grossense e campo-grandense. Pode-se analisar pelo lado histórico, observando o processo de colonização do estado do Mato Grosso, onde foram formados os primeiros núcleos populacionais, e tinham programações culturais como óperas e recitais. Ou considerar a descoberta do então estado de MS, devido à Guerra do Paraguai, em que sofreu um processo de colonização completamente diferente, recebendo os gaúchos, paulistas e mineiros, além dos paraguaios. Dois grandes destaques culturais do

estado, é a cultura indígena e a cultura pantaneira, que também influenciam o modo de vida da capital. Alguns historiadores falam em uma sociedade cosmopolita, uma salada cultural (GUIZZO, 1979).

Campo Grande é um dos maiores núcleos de artesanato do estado, destacando-se, no artesanato indígena, a produção terena, com cerâmica, adornos, objetos em palha e tecelagem, e o barro na produção kadiwel. As esculturas de tuiuiús, onças e garças, além do artesanato rural, como o berrante e arreio, também se destacam no comércio (ENCONTRA MS, 2019).

O número de habitantes está estimado em quase 900 mil pessoas, em uma área de 8.092,951 km², sendo uma capital considerada amplamente arborizada. Em 2017 o salário médio entre trabalhadores formais era de 3,5 salários mínimos, sendo que 33% da população possuía algum tipo de ocupação ou trabalho fixo (IBGE, 2019).

A cidade possui bom planejamento de infraestrutura esportiva, recebendo anualmente grandes eventos esportivos e automobilísticos, além de abrigar o maior estádio universitário da América Latina. A capital possui amplas e largas avenidas que se cruzam nos sentidos norte-sul e leste-oeste, facilitando e agilizando o deslocamento de uma ponta a outra da cidade. Os índices de violência são baixos, sendo que no setor da educação o município está bem servido, com creches em período integral, e mais de 400 escolas do ensino básico ao ensino profissionalizante. Campo Grande teve um crescimento horizontal, resultando em vazios urbanos, ou seja, uma capital com baixa densidade populacional.

4 DESIGN E CONFORTO AMBIENTAL

A história do design e do design de interiores, acabam por se entrelaçar, visto que os termos só foram distinguidos bem recentemente. Atualmente, ao mencionar a palavra design desacompanhada, ela por si só é percebida como se tratando do design de produto. O design de interiores, por sua vez, visa a composição do ambiente como um todo, congregando diversos elementos, ao passo que produz uma relação beleza-prático-funcional.

De acordo com Cianciardi (2010), a casa, por si só, não é um lar, é um objeto arquitetônico inanimado, destinado ao abrigo do ser humano, que após um processo etológico de domínio territorial, transforma esse espaço em lar. Ou seja, a casa faz referência à construção física (tijolos e cimento), enquanto o lar é permeado de valores e princípios, onde os indivíduos apropriam-se do espaço, buscando aconchego.

A arquitetura preocupa-se em planejar e projetar os espaços urbanos, frente à soma de elementos técnicos, históricos e culturais, e o design de Interiores participa diretamente desse processo, buscando a melhoria da qualidade de vida das pessoas. A decoração faz parte dessa apropriação espacial, pois, com a composição interna, é possível conferir sentidos a um lugar, tornando-o mais significativo. Decorar “é tornar público o modo privado de ser de cada indivíduo; é apropriar-se do espaço, submetendo-o aos desígnios de quem o habita” (CIANCIARDI, 2010, s/p). Assim, o lar reflete o modo de vida de seus ocupantes, suas características e personalidade.

A arquitetura e o design de Interiores, juntos, constroem o habitat². A forma, espaço, luz e sombra, influenciam nas relações interpessoais, atraindo ou expulsando pessoas, fazendo referência à atmosfera que se cria no interior, objetivando o conforto. Cianciardi (2010, s/p) explica que parte da história da vida das pessoas está escrita na decoração de seu lar, isto é, carrega diversas informações a serem desvendadas. Portanto a escolha do estilo, cores, mobiliário, e objetos de decoração, oferece as pistas, sendo possível traçar a personalidade dos moradores de uma casa. Acrescenta:

Uma residência bem iluminada, colorida, com cortinas leves e espaços interligados, pode indicar que seu habitante é extrovertido e esfuziante; já um lugar entulhado de objetos, com cores pasteis,

² Relaciona-se à área habitada por determinada espécie. Onde encontra alimento, abrigo e proteção para viver.

pesadas cortinas e compartimentos segmentados, costuma fazer pensar em uma personalidade mais introvertida [...] Mas nada pode ser avaliado de maneira separada, pois cada elemento decorativo é peça de um quebra-cabeça em busca de decodificação.

O profissional que projeta os espaços internos, sejam residenciais ou comerciais, deve estar em constante atualização, conhecendo as novidades que o mercado de produtos oferece, haja vista a quantidade de elementos que o designer de interiores utiliza em um mesmo ambiente. É um trabalho que exige conhecimento, criatividade, organização e interpretação, para ter a capacidade de apreender todos os pedidos do cliente, sua personalidade, e por conseguinte traduzi-los no ambiente proposto.

4.1 Histórico

De acordo com Brown e Farrelly (2014), os livros de referência que documentam especificamente a história e prática do design de interiores, aos poucos vão surgindo, colaborando com textos relevantes, promovendo um pensamento crítico sobre o assunto. Muitos autores consideram que a história do Design começou com William Morris, designer têxtil, que combinou tradição artesanal com a simplicidade da forma. Ele foi o líder do movimento *Arts And Crafts*, que, de acordo com Tagliari e Gallo (2007), valorizava o trabalho artesanal, individualismo e regionalismo, além da unidade na composição artística. Bürdek (2010), por sua vez, traça um histórico mencionando grandes precursores em se tratando do design, a começar por Leonardo Da Vinci, que mantinha os estudos em anatomia, ótica e mecânica, ao mesmo tempo em que se dedicava ao conhecimento das máquinas, e foi considerado o primeiro designer.

A autora supracitada destaca Giorgio Vasari, pintor e arquiteto, como um dos pioneiros a defender o caráter autônomo das obras de arte, sendo que em 1588 o termo *Design* foi descrito como “um plano desenvolvido pelo homem ou um esquema que possa ser realizado” (BÜRDEK, 2010, p. 13).

No pensamento de Azevedo (1988, p. 22), é importante elucidar alguns movimentos determinantes na história do design, como o Art Nouveau, de 1883, que surgiu “da necessidade de exaltar a natureza e principalmente falar da vida bucólica que começava a desaparecer com a rápida industrialização da Europa.” Esse autor

explica que o movimento ressaltava o trabalho individual do artista, tendo foco em ilustrações, objetos de vidro, madeira trabalhada e ferro ornamentado. Antoni Gaudí, importante arquiteto gótico, teve grande destaque nesse movimento.

A Vanguarda Soviética, um dos mais importantes movimentos dentro da Arte de Vanguarda, primava pela reformulação da estética do design, pautado nas áreas de arquitetura, escultura, poesia e até diagramação de textos e, apesar das diversas nomenclaturas, “a ideia central era uma só: tornar a arte popular, uma arte de estilos da qual o povo era o maior beneficiado” (AZEVEDO, 1988, p. 26).

Em 1907, foi fundado em Munique, uma associação de artistas, artesãos e publicitários, com o intuito de integrar arte, indústria e artesanato por meio do ensino, chamada de *Deutsche Werkbund*, nessa mesma linha, foram fundados na Áustria, Suíça, Suécia e Inglaterra, entre 1910 e 1915, sendo que o ponto alto de tal movimento, deu-se com uma exposição de arquitetura, organizada por Mies Van der Rohe, em 1927, a fim de expor projetos inovadores para a arquitetura e design (BÜRDEK, 2010). Dentre 12 conhecidos arquitetos da época, estavam Le Corbusier, Walter Gropius e Mart Stam, nomes esses conhecidos mundialmente e amplamente estudados no campo do design até os dias atuais.

Impera ressaltar a criação da Bauhaus, datada no final do século XIX, na Alemanha, fruto da fusão da escola de artes plásticas, de Walter Gropius, e a escola de artes aplicadas, de Henry van de Veld. A Bauhaus - Casa da Construção - foi de suma importância para a arte e cultura internacional, porém, o termo *Design* não chegou a ser utilizado durante os 14 anos de existência da escola (RIBEIRO; LOURENÇO, 2012).

Bürdek (2010, p. 28) afirma que “a ideia fundamental de Gropius, era a de que, na Bauhaus, a arte e a técnica deveriam tornar-se uma nova e moderna unidade.” Artistas abstratos e da cultura cubista eram os professores da escola, como Wassily Kandinsky e Georg Muche. Ribeiro e Lourenço (2012) reconhecem a importância da Bauhaus para o ensino do design, visto que a escola formalizou o ensino das artes e ofícios, com uma formação prática, propôs reflexões acerca dos materiais e sua composição, bem como instigou a utilização de cores e formas simplificadas.

Desde os primórdios, a humanidade caracteriza-se pela fabricação de utensílios, passando por trabalhos artesanais no ciclo pré-industrial, quando o mesmo indivíduo criava e produzia e não se fazia necessário ter um projeto. A partir do século XVIII, deu-se início o ciclo industrial, com a substituição da força humana pelas

máquinas e, portanto, a produção em larga escala, ao passo que o ciclo eletrônico está voltado para a tecnologia, deixando aos poucos as funções mecânicas, ou seja, a palavra da vez é automação (PLATCHECK, 2012).

Brown e Farrelly (2014, p. 15) detalham as mudanças que a Revolução Industrial trouxe para os ambientes residenciais, transformando os métodos de produção e o uso de materiais no desenho dos móveis e objetos de decoração.

Os processos de fabricação se tornaram cada vez mais mecanizados, as máquinas a vapor alimentadas por carvão mineral foram adotadas (substituindo os moinhos de água, os seres humanos e os animais como principais fontes de energia) e os transportes foram aprimorados, permitindo que as indústrias tivessem acesso a abundantes fontes de minerais e matérias-primas. Essas mudanças foram significativas para a produção de ferro e aço, além da indústria têxtil, que aumentou sua capacidade de produzir diferentes tecidos para usos distintos. A busca por materiais totalmente sintéticos também se iniciou nesse período.

Durante esse período, o padrão de vida aumentou, e o consumidor de classe média passou a investir na decoração interna de sua moradia, seguindo as tendências da moda e imitando o estilo das classes sociais superiores. A Revolução Industrial, portanto, substituiu o trabalho manual pela produção em série de artefatos de cerâmica, móveis, carpetes e outros objetos domésticos. Com isso, a produção de papéis de parede e tecidos para cortinas e estofamentos, antes impressos à mão com o uso de blocos, e feitos com pigmentos naturais extraídos de insetos, plantas e flores, transformou-se, graças à mecanização e ao uso de tinturas baratas à base de anilina.

Essas mudanças permitiram uma abundante produção de papéis de parede e tecidos com diversas cores e estampas (BROWN; FARRELY, 2014).

Outra mudança significativa gerada pela Revolução Industrial foi a iluminação artificial. Na época das velas e das lâmpadas a gás (introduzidas nas casas na Era Vitoriana), escolhiam-se materiais escuros para disfarçar as marcas de fuligem e materiais refletivos, dourados e espelhos, para aumentar a sensação de iluminação. No final da Era Vitoriana, a luz elétrica era utilizada em muitas casas, e isso mudou as características funcionais e estéticas de alguns materiais (BROWN; FARRELY, 2014, p. 15).

Com base nesses autores, elaborou-se um quadro (Figura 2) com os movimentos que marcaram a história do design, de modo a recompilar as informações trazidas previamente.

Figura 2 - História do Design: principais marcos



Fonte: BROWN; FARRELLY, 2014. TAGLIARI; GALLO, 2007. BÜRDEK, 2010. AZEVEDO, 1988. RIBEIRO; LOURENÇO, 2012. PLATCHECK, 2012. Adaptação: Ana Carla F. S. Porto/ 2018.

4.2 Design: conceituação

Gurgel (2011), demonstra que design não é desenho, uma vez que o desenho faz parte do design, e este está relacionado a artes, sendo um processo criativo que utiliza espaço, forma, linhas, texturas, luz e cor. Pode-se mencionar que o design é um projeto, que utiliza a criatividade aliada ao melhor aproveitamento de tempo e material, ou seja, se há projeto, provavelmente há um produto bem-sucedido. No aporte de Löbach (2001) o design é uma ideia que precisa ser corporificada e transmitida a outros sujeitos. Para tanto, defende que um produto deve ter três funções básicas: prática, estética e simbólica.

Dessa forma, um produto para ser prático, deve ser confortável e seguro, valendo ressaltar a ergonomia e suas características, como será visto mais à frente. Outrossim, Löbach (2001) destaca que, a estética não se trata da beleza de determinado objeto ou móvel, o que importa é a soma de formas, cores e texturas, que, de forma harmoniosa, possa sensibilizar o usuário. Para tanto, o uso sensorial depende, além da percepção do usuário, de experiências anteriores. A função simbólica, por sua vez, carrega um significado, estando intimamente ligada à percepção visual do indivíduo.

A vida da maioria das pessoas não é mais imaginável sem o design, que é visto na casa, no trabalho, no lazer, no transporte, na saúde, em qualquer horário do dia ou da noite, em qualquer tempo (BÜRDEK, 2010). O design, é, portanto, imprescindível na tradução de uma ideia, sendo influenciado por disciplinas como a antropometria e ecologia, ao passo que produz beleza e funcionalidade.

4.3 Design de interiores e seus princípios

Em se tratando do design de interiores, relaciona-se à melhor forma de aproveitamento dentro de um ambiente, em que o conjunto de ideias e soluções para otimizar o espaço a ser projetado, busca conforto, ergonomia, práticas sustentáveis, objetos e móveis multiuso. Ou seja, o projeto bem pensado e executado de acordo com as necessidades pendentes, visa praticidade e criatividade, integrando conforto, elegância e funcionalidade.

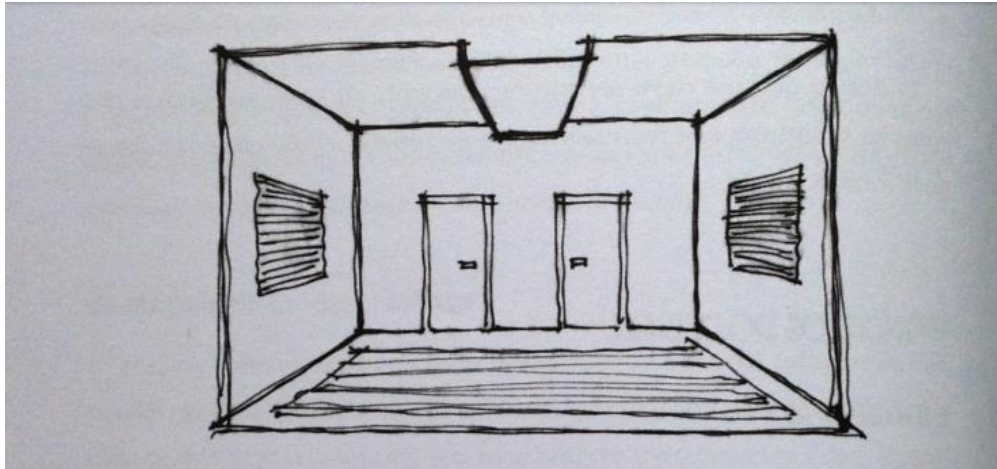
Gurgel (2013) considera que o primeiro passo para um bom design, é a capacidade de alterar paradigmas, conceitos e preconceitos, mantendo a mente

aberta a soluções desconhecidas e inovadoras. Esta autora argumenta que, assim como a música usa o som, a pintura, as tintas, e a matemática, os números, o design se materializa por intermédio da organização de elementos, como o espaço, linha, cor, luz, textura e forma. Interpreta, então, os elementos que influenciam no *design*, como a funcionalidade, em que o ambiente deve suprir as necessidades de determinadas ações ou tarefas, sendo que cabe ao designer criar formas que atendam às necessidades do sujeito. A variedade de materiais pode inspirar o profissional, como também pode limitar suas ideias, dependendo do grau de conhecimento sobre o material em questão, e conforme os tipos de materiais a serem utilizados, define-se o estilo. A tecnologia, por sua vez, possibilita a produção em massa, viabiliza soluções, busca inovações, sendo um exemplo valioso, a automação de uma residência (GURGEL, 2013).

Os componentes culturais devem e podem influenciar o design, sendo responsáveis pela identidade do projeto. Se cada povo tem sua forma de pensar, agir e viver, limitando sua cultura, essas características são, portanto, fundamentais no processo criativo do design de interiores (GURGEL, 2013).

Não menos importante, a sustentabilidade foi um conceito introduzido no final de 1980, pregando o respeito à natureza e desassossego com gerações futuras, preocupando-se com a poluição, descarte e reaproveitamento de materiais. Além disso, o design possui princípios que regem todos esses elementos, aliados ao design e ecodesign. Equilíbrio, ritmo, harmonia, unidade, escala e proporção, contraste, ênfase e variedade, são os princípios do design elencados pela autora supracitada. “Alcançamos o equilíbrio quando a capacidade dos elementos em chamar a nossa atenção e seus respectivos pesos visuais (elementos arquitetônicos ou mobiliário) neutralizam-se” (GURGEL, 2013, p. 31). O equilíbrio, por conseguinte, pode ser do tipo simétrico, quando uma mesma informação se repete igualmente de um lado e outro, assimétrico ou radial (Figuras 3, 4 e 5).

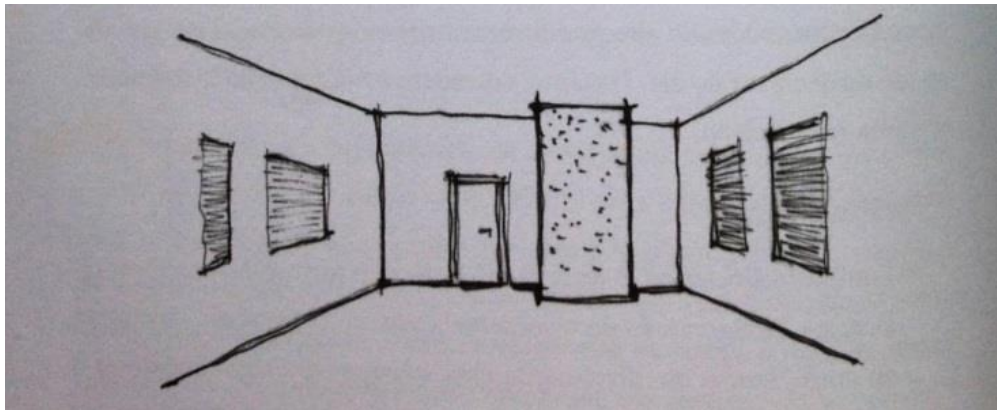
Figura 3 - Equilíbrio simétrico



Fonte: Gurgel (2013, p. 32)

A simetria nos ambientes internos agrada à maioria dos olhares, pode-se dizer que se trata de um equilíbrio perfeito. Um sofá no centro de uma sala de estar, por exemplo, com mesas laterais idênticas de ambos os lados, objetos consonantes sobre elas, e poltronas iguais de um lado e outro, caracteriza um ambiente com equilíbrio simétrico.

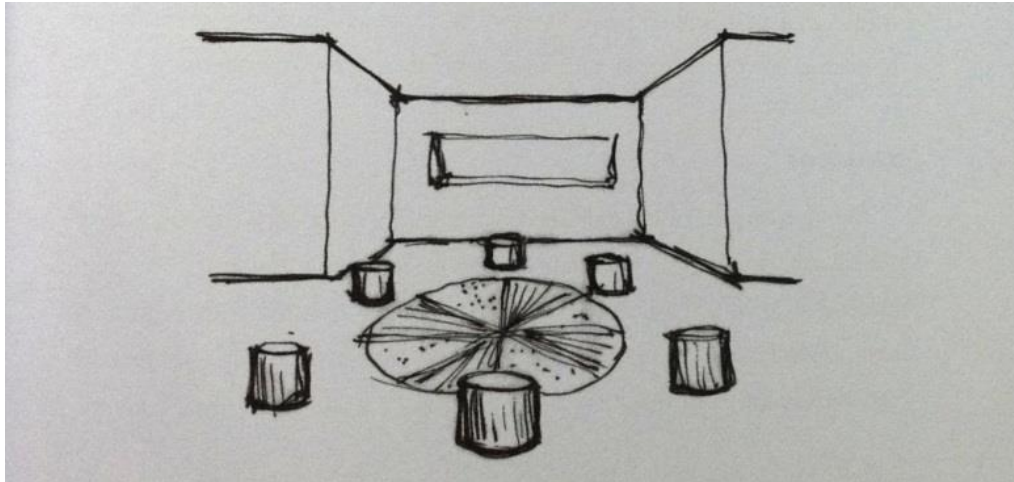
Figura 4 - Equilíbrio assimétrico



Fonte: Gurgel (2013, p. 32)

Se neste mesmo ambiente imaginado, de um lado do sofá encontra-se uma mesa de canto, e do outro lado um vaso de planta, é possível dizer que o ambiente possui equilíbrio, devido ao peso visual de ambos os lados, porém é assimétrico, por envolver móveis e objetos diferentes de um lado e de outro.

Figura 5 - Equilíbrio radial



Fonte: Gurgel (2013, p. 33)

Por conseguinte, o equilíbrio radial desenvolve-se a partir de um elemento central, contornando-o. Verifica-se este tipo de equilíbrio em salas que, mesmo sendo quadradas ou retangulares, possuem uma disposição dos móveis em círculo.

O ritmo, portanto, unido ao equilíbrio, traz organização e continuidade ao espaço, de maneira que é importante manter a harmonia entre os diversos centros de interesse de um ambiente, em que as cores, texturas, formas e materiais devem estar de acordo com o tipo do ambiente proposto. O bom uso dos elementos traz a sensação de um ambiente harmônico (GURGEL, 2013). Assim como muito elementos díspares e desconexos em um espaço, pode gerar um resultado visualmente incômodo, portanto, é papel do designer de interiores, “dispor objetos iguais a uma distância regular ao longo de uma passagem linear; utilizar a repetição de uma série de elementos arquitetônicos [...]; de forma surpreendente e equilibrada” (GIBBS, 2017).

Quanto aos princípios da unidade e variedade, referem-se à repetição de diferentes características comuns a diferentes elementos, proporcionando unidade com variedade compositiva, ou seja, deve haver uma caracterização única em todos os ambientes que compõem uma residência, seguindo o mesmo estilo, trazendo sensação de continuidade ao caminhar por todos os cômodos.

O contraste, outro princípio do design de interiores, valoriza a decoração interna, compondo diferentes materiais, enquanto a proporção, seja em termos de medidas do mobiliário em relação ao espaço disponível, ou quanto ao uso das cores, é elemento essencial em qualquer projeto. “Proporção é sempre relativa. O tamanho

do sofá deve ser proporcional ao do ambiente. O tamanho das almofadas ao do sofá, e o da estampa da almofada ao seu tamanho” (GURGEL, 2011, p. 69).

Todos os elementos devem relacionar-se entre si, formando um ambiente agradável. Para tanto, o conforto térmico, acústico e lumínico, que consequentemente geram bem-estar, dependem do conjunto de móveis e decoração que será utilizado no espaço projetado.

Para Gurgel (2011), a iluminação é um dos mais interessantes elementos de um projeto, pois, como as cores, pode atuar na emoção, na psique, no humor e no estado de espírito. Impera ressaltar que a luz está para a cor, assim como a cor está para luz, sempre dependentes uma da outra.

4.4 Luz e cor

Aprofundados estudos de física e química, elucidam os segredos que envolvem a percepção visual humana, desde a captação da luz pela retina, até fatores psicológicos da cor. Pode-se sustentar a ideia de que a cor depende da ação da luz, isto é, a cor de objeto será determinada de acordo com a luz incidente sobre ele.

Para Lima (2010, p. 4), “a luz é parte de um fenômeno ondulatório chamado radiação, cujo espectro é formado por ondas eletromagnéticas que se diferem entre si pela frequência em que se propagam”. A luz é uma radiação que produz sensação visual e é ponto forte para o ser humano, que é atraído por ela e sua percepção. É composta por três cores primárias, o vermelho, verde e azul, que produzem as cores secundárias. Sendo que o branco, é a soma de todas as cores, por isso reflete todas elas, enquanto o preto absorve.

De acordo com Guerrini (2008), o conceito de cor está interligado à composição espectral da luz que ilumina um objeto, sendo que o padrão para objetos iluminados, é a iluminação sob a luz do sol, considerada, portanto, branca. “Define-se a cor de um objeto como a propriedade que ele possui de absorver uma parte dos comprimentos de onda da luz incidente com a reflexão de outra parte dos demais comprimentos de onda” (GUERRINI, 2008, p. 19).

Quando se aplica reflexão da luz, faz-se referência ao nível de refletância de determinado material, ou seja, a luz refletida está para a luz incidente, sendo que, a forma como essa luz é refletida, depende de vários fatores, entre eles cor, brilho e rugosidade do material. Guerrini (2008, p. 34) enfatiza que, fator de reflexão ou

refletância “é a relação entre os fluxos luminosos refletido e incidente em uma superfície, em porcentagem ou fração decimal.”

No tocante aos conceitos de luz, é importante citar algumas de suas características qualitativas, em que a temperatura de cor será considerada crucial. Ela determina a sensação térmica que a cor da lâmpada trará ao ambiente, ou seja, a luz branca amarelada trás sensação de calor, aconchego e valoriza mais as cores quentes, como o laranja e amarelo, enquanto a luz branca azulada trás sensação de frio, limpo, ativo, valoriza as cores frias, como rosa e magenta. Assim, a temperatura de cor é medida em Kelvin, e varia de 2500 a 7500 K (SILVA, 2004).

Quanto ao Índice de Reprodução de cor, chamado de IRC, refere-se à capacidade da lâmpada em reproduzir o mais próximo possível a cor real do objeto. Um bom IRC está acima de 80%, uma fonte com IRC 100% é a que representa as cores com a máxima fidelidade (GUERRINI, 2008). Outrossim, o fluxo luminoso está relacionado à quantidade de luz emitida por uma determinada fonte e é medido em lumens. Por conseguinte, a intensidade luminosa determina a quantidade de luz emitida em uma determinada direção, medida em candelas. A Iluminância, por sua vez, indica o fluxo luminoso de uma fonte, que incide sobre a superfície, é medida em LUX. Concomitantemente, a luminância é a quantidade de luz refletida por uma superfície, em dada direção, medida em candelas por metro quadrado - cd/m^2 (SILVA, 2004).

A iluminação correta pode influenciar em vários sentidos; seu uso adequado, diferentes níveis de luz e boa distribuição do fluxo luminoso, traz uma sensação mais aprazível à pessoa, trabalhando com seu psicológico. Existem lâmpadas que reproduzem nível e cor do espectro luminoso, próximos à realidade da luz natural, mas esta última traz mais benefícios, sendo inigualável. O pensamento de Pinheiro e Crivelaro (2014) vai ao encontro, ao afirmarem que a iluminação inadequada pode causar desconforto, fadiga visual, dor de cabeça, ou mesmo acidentes, sendo um dos sistemas que mais consome energia no ambiente construído.

Gibbs (2017) retrata a iluminação destacando suas funções, em iluminação geral, de trabalho e de destaque. A iluminação geral é aquela que proporciona um bom nível de luminosidade em todo o ambiente, a iluminação de trabalho precisa ser adequadas às atividades específicas e localizadas, como se maquiar, se barbear ou cozinhar. E a iluminação de destaque tem papel decorativo, realçando alguns elementos arquitetônicos, um quadro ou objeto especial.

Nesse contexto, a cor tem o poder de modificar totalmente um ambiente, tal quais as sensações produzidas por ele. Ao passo que uma cor pode dar ânimo e vitalidade, outra pode transpassar calma e serenidade. Por isso, todo cuidado na utilização das cores e suas combinações é válido, visto que interfere diretamente na psique do indivíduo.

Lacy (1996) explica que as pessoas buscam a cada dia, propósitos e sentidos mais profundos para a vida, enaltecendo a importância da cor, que afeta todos os planos da existência, físico, emocional e mental. Faz-se necessário caracterizar a influência de cada cor, lembrando que, alguns autores diferem nesse sentido, portanto, serão utilizados os pensamentos e estudos de Lacy (1996), terapeuta da cor e com grandes contribuições para a área.

A começar pelo vermelho, que transmite poder, coragem e motivação, porém é preciso atenção ao introduzir essa cor nos ambientes, pois, em excesso, ativa a irritabilidade e violência. Por ser uma cor estimulante, percebe-se muito presente em cinemas, teatros e cassinos. Adicionando o branco ao vermelho, resulta-se na cor rosa, e variando a quantidade de branco a ser misturada, uma gama de tons de rosa pode surgir. Dessa maneira, os tons mais claros são relaxantes, enquanto os róseos mais quentes tornam as pessoas mais positivas e ativas (LACY, 1996).

O laranja, por sua vez, vibrante e despertador de potenciais, passa confiança ao indivíduo que utiliza o ambiente, estimulando a conversação e criatividade. Assim como a cor rosa, o laranja possui diversos tons, sendo que o mais claro proporciona sensação de conforto, alegria e expressividade. O amarelo, cor análoga ao laranja, está associado ao sol, e, de acordo com Lacy (1996, p. 22), parece não ter limites, “é uma cor quente, expansiva, que ativa a mente e abre-a para novas ideias.” Essa cor passa sensação de estar bem consigo mesmo, alimenta o ego, estimula, ajudando, inclusive, pessoas que têm dificuldades na aprendizagem (LACY, 1996).

A cor verde simboliza harmonia, nem quente, nem frio, combina com todas as outras cores e ajuda a reduzir a tensão e o *stress*; está relacionada com a autoestima, e ajuda a fluir os acontecimentos. “O verde proporciona a sensação que se tem quando se dá uma caminhada no bosque e no campo: uma profunda sensação de liberdade e fluidez” (LACY, 1996, p. 23).

Por conseguinte, o azul é uma cor terapêutica, que esfria, acalma e relaxa, e variando seus tons, permeia por sensações de sono, quando muito claro, ao mais profundo das pessoas, passando honestidade e integridade, quando mais escuro,

mas em demasia, pode passar muita frieza e indiferença, deixando as pessoas retraídas, por isso a combinação com outra cor é bem-vinda.

É possível extrair sensações muito boas da cor violeta, por ser marcante e ter uma vibração rápida, estimula a criatividade musical, artística e empreendedora, e nos ambientes de entrada e recepção, passa sensação de grandiosidade e poder. Todo cuidado é pouco nas combinações, pois, se com o amarelo, sua cor complementar, há um estímulo visual e mental, e com o verde está associada às emoções, se usada junto com o vermelho, acontecerá uma explosão de estímulos, afetando profundamente as pessoas, sendo raro ver essas duas cores juntas. Em um ambiente de alimentação, por exemplo, o violeta dá sensação de comida estragada, e, portanto, perda de apetite.

Impera saber que, diferente da combinação de violeta e vermelho, a mistura dessas cores, que resulta no magenta, é extremamente animadora, causando boa impressão em ambientes domésticos, e se combinada com o verde, se intensificam mutuamente (LACY, 1996).

O turquesa é uma das cores mais democráticas e cada vez mais presente em móveis e objetos de decoração, pois, de fato, agrada muitas pessoas, independente da combinação. Esta autora pondera que é uma cor muito relaxante e repousante, já que contém azul e verde em sua composição, e acompanhada de uma cor quente, traz equilíbrio.

Nessa vertente, Lacy (1996) aponta as cores conhecidas popularmente como neutras: marrom, cinza, branco e preto, sendo que o marrom “proporciona a sensação de que tudo é permanente, sólido e seguro.” Assegura que “é a cor da estabilidade, e, quando usado em seu estado natural, como nos assoalhos e móveis, transmite energia positiva para nossos ambientes” (LACY, 1996, p. 27).

Seguindo as análises desta autora, o cinza, apesar de estar associado ao medo, se combinado com cores quentes, como o vermelho e laranja, tons de marrom e madeira em geral, proporciona um bom visual. O cinza é uma cor com grande potencial de combinação, portanto, muito utilizada por designers e decoradores de interiores. O preto, consecutivamente, é imponente e luxuoso, mas precisa ser utilizado com outras cores, caso contrário pode manifestar indiferença e prepotência, enquanto o branco equilibra e realça todas as cores.

Posto isso, é relevante retratar o círculo das cores (Figuras 6 e 7), em que as cores lado a lado são análogas, enquanto as que se encontram em pontas opostas do círculo, são as chamadas complementares.

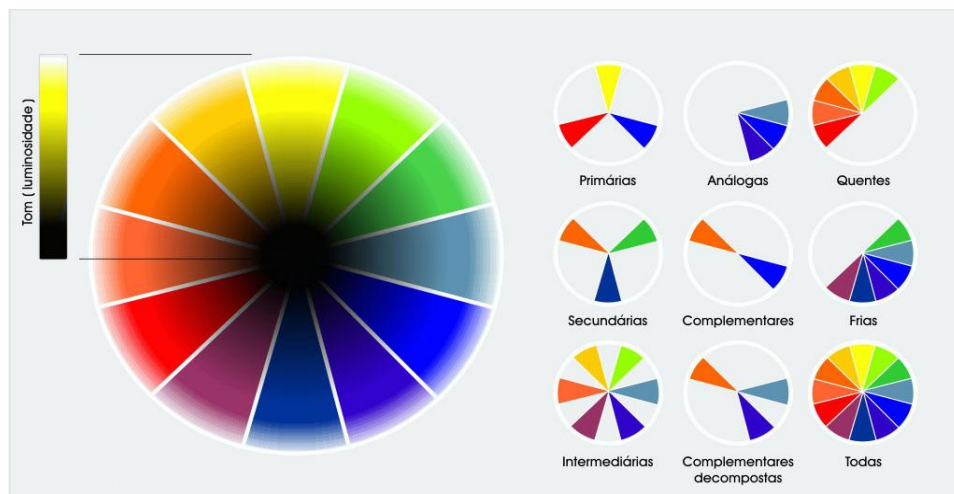
Figura 6 - Círculo das Cores (Disco de Newton)



Fonte: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/experimento-disco-newton.htm>

Diante do círculo, múltiplas possibilidades de tons e combinações se abrem. A roda das cores recebeu o nome de disco de Newton, pelo fato de Isaac Newton ter descoberto que a luz branca do Sol é composta pelas cores do arco íris, sendo o branco, a soma de todas as cores, refletindo-as.

Figura 7 - Disco cromático e suas harmonizações



Fonte: <https://www.cursodecoracaointeriores.com.br/combinaao-de-cores-para-decoracao/m>

Lima (2010) faz alusão à iluminação estar entrelaçada ao conforto ambiental sinestésico do indivíduo, e, conseqüentemente, à percepção visual como um todo, colocando as leis da Gestalt em relação contínua à Iluminação (Figura 8).

Figura 8 – Tabela: Relação da Iluminação e leis da Gestalt

Pregnância da forma	Capacidade de reconhecer linhas, superfícies bidimensionais e tridimensionais. A percepção e a compreensão de uma composição dependem da maneira como se interpreta a interação visual entre os elementos positivos e negativos dentro do campo visual. Na iluminação, esta lei é facilmente vista no uso dos efeitos luminotécnicos. Pois o efeito que uma determinada lâmpada produz sobre o objeto iluminado pode facilitar ou dificultar a delimitação das formas, destacando linhas ou escondendo-as.
Proximidade e Semelhança	A proximidade faz com que o ser humano agrupe os elementos óticos próximos uns dos outros, enquanto a semelhança refere-se ao agrupamento por mesma característica visual, ou seja, formato, cor e textura. Aplicando boas técnicas de iluminação, podemos criar um efeito com ritmo, a partir destas duas leis; um bom exemplo seria a iluminação feita em prédios públicos históricos, onde usa-se destacar as colunas (elementos repetitivos agrupados), dando ritmicidade à composição luminosa.
Continuidade	O princípio da continuidade descreve a preferência pelos contornos contínuos e sem quebra, ao invés de outras combinações mais complexas. Projetos de iluminação que rompam a continuidade seriam bem complexos, já que a luz não muda sua trajetória.
Fechamento	Implica em vermos uma figura completa, mesmo quando falta parte dela. Esse é o jogo da iluminação com os edifícios iluminados, por exemplo. Durante o dia, as construções se apresentam como realmente são, enquanto à noite, com um bom projeto luminotécnico, pode-se exaltar seus pontos positivos, sem precisar iluminar de forma geral, e somente com os efeitos deixar que se complete a imagem na mente das pessoas.

Fonte: LIMA, 2010. Adaptação: Ana Carla F. S. Porto/ 2018.

Com a finalidade de decompor o tema da pesquisa, bem como concretizar a ideia proposta, a seguir tratar-se-á da percepção visual, como parte integrante das características do design, vistos anteriormente.

4.5 Percepção visual e sinestesia

Cada indivíduo guarda, de modo particular e único, informações de seu passado, vivências e experiências, o que determina suas percepções em relação a algo, ou alguém, e que determinará a mistura sensorial. Nas palavras de Basbaum (2002), a sinestesia é oposta a anestesia - nenhuma sensação -, vem do grego e significa a reunião de múltiplas sensações. Assim, ao cruzamento das sensações, mesclando sons, cheiros e imagens, dá-se o nome de sinestesia.

Lima (2010), estabelece que a sensação é um fenômeno psíquico, resultante das ações de estímulos externos, afetando os órgãos dos sentidos, enquanto a percepção, é definida como a função psíquica que permite o organismo receber e elaborar as informações de seu entorno, através dos sentidos.

As sensações nos fazem relacionar com nosso próprio organismo, com o mundo exterior e com tudo que está à nossa volta. O conhecimento do mundo exterior resulta das sensações que conseguimos captar através dos órgãos dos sentidos e do sistema nervoso. Quanto mais desenvolvidos, mais delicadas e mais variadas serão suas sensações (LIMA, 2010, p. 23).

Por conseguinte, Lima (2010) interpreta a percepção visual, estando ela associada às diversas sensações, em que esse conjunto de sensações resulta em estímulos externos sobre os órgãos dos sentidos. A sensação pode ser externa, interna ou especial.

- A sensação externa é a resposta de cada órgão dos sentidos aos estímulos que atuam sobre ele. A audição seria a resposta do órgão e o ruído seria o estímulo atuante.
- A sensação interna reflete os movimentos da parte isolada de nosso corpo, capta os estímulos externos e transmite-os aos órgãos que cuidam da coordenação motora, do equilíbrio e das funções orgânicas. Por exemplo, a sensação do equilíbrio provém da parte interna do ouvido e indica a posição do corpo e da cabeça.
- A sensação especial se manifesta sob a forma de sensibilidade para a fome, sede, fadiga etc (LIMA, 2010, p. 23).

A percepção, então, nada mais é que receber e elaborar as informações vindas do ambiente ao seu redor, por meio dos sentidos, que funcionam juntos, se completando. Se a pessoa percebe, é porque já têm imagens, palavras e sons num banco de memória, de acordo com seus valores éticos e culturais. A experiência faz com que seja fácil encarar situações conhecidas, e difícil ao ser submetido às situações extraordinárias. As necessidades, emoções e valores afetam o processo perceptivo, então se pode afirmar que não existem estímulos isolados (LIMA, 2010).

O cheiro de uma comida, ao acaso, pode trazer à tona lembranças importantes da infância, ou algum momento extraordinário vivido em família, podendo ser alegre ou triste. Uma cor, um objeto ou um móvel, tem o poder de transportar o indivíduo para outro local, revivendo as situações já passadas, dessa maneira, uma cor representa significados diferentes entre uma pessoa e outra.

As linhas horizontais, por exemplo, transmitem sensação de calma e tranquilidade, ao mesmo tempo em que alargam o ambiente, enquanto as linhas verticais são mais energizantes, e ampliam visualmente a altura do ambiente. A combinação de linhas verticais e horizontais traz a harmonia (GIBBS, 2017).

No viés de Basbaum (2002), do ponto de vista neurológico, existem duas maneiras básicas de encarar a questão da sinestesia, sendo uma a sinestesia constitutiva, e o que ela pode revelar dos mecanismos cerebrais cognitivos. “Outra é a associação entre modalidades perceptivas de maneira geral [...] isto é, como propriedade geral do aparelho perceptivo humano” (BASBAUM, 2002, p. 31).

A sinestesia constitutiva pode ser definida como aquilo que ocorre quando o estímulo em uma modalidade, dispara uma percepção em uma segunda modalidade, mesmo que não exista qualquer estímulo ligado diretamente à segunda modalidade. Um som pode provocar uma percepção de cor (BARON-COHEN; HARRISON *apud* BASBAUM, 2002).

Nesse contexto, Lima (2010) afirma que o efeito de sinestesia é um dos fatores que afetam a percepção, e está associado a diferentes estímulos, como relacionar o calor da luz ou das paredes, com a sensação térmica.

As cores quentes como, por exemplo, o vermelho, o laranja e o amarelo, criam a sensação subjetiva de uma maior temperatura do ambiente, em comparação à sensação de frio que produzem as cores azuis. Em contrapartida é menos conhecido o efeito dessas cores sobre a percepção acústica do espaço. Tem-se uma sensação do aumento da reverberação e da percepção de

um menor ruído de fundo se o ambiente está iluminado com cores frias. O efeito contrário ocorre quando as cores são quentes (LIMA, 2010, p. 29-30).

Enquanto o mundo à nossa volta produz constantes mudanças, os estímulos sensoriais estão em fluxo, e enquanto recebemos informações, nossa percepção inconsciente assimila todas e armazena na memória experimental, deixando para a percepção consciente as informações mais importantes. De acordo com a autora, a percepção do objeto não depende apenas do elemento imediato da atenção visual, já que todos os elementos que se encontram no campo visual são simultaneamente avaliados como um só elemento (LIMA, 2010).

Como rege a Teoria da Gestalt - Escola Gestalt de Psicologia, formada por um grupo de pesquisadores alemães, para estudar os fenômenos da percepção humana - só se pode ter conhecimento das partes através do todo. Lima (2010, p. 71) explana:

A Teoria da Gestalt afirma que o cérebro, quando age no processo da percepção, segue certas leis que facilitam a compreensão das imagens e das ideias. Os elementos constitutivos são agrupados de acordo com as características que possuem entre si.

Por fim, Basbaum (2002) sugere que a sinestesia constitutiva teria um fundo genético, citando um caso célebre de percepção sinestésica, Vladimir Nabokov, que possuía audição colorida. Assim, essa condição neurológica, em que os estímulos em um sentido, provoca reações em outro, caracteriza as pessoas sinestetas. Impera ressaltar que, relacionar o cheiro de um bolo, à imagem da avó cozinhando, por exemplo, é um fato que acontece a partir da memória das pessoas, mas isso não significa que há confusão sensorial.

4.6 Ergonomia

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que há uma discrepância quanto ao conceito de ergonomia, por ser de caráter multidisciplinar e apresentar diversos enfoques. A Associação Internacional de Ergonomia - International Ergonomics Association (IEA, 2019) - conceitua a ergonomia como “disciplina científica

relacionada com a compreensão das interações entre seres humanos e outros elementos de um sistema”, otimizando o desempenho e bem-estar humano.

A ergonomia contribui para o projeto, com o intuito de transformar objetos e ambientes compatíveis com as necessidades e limitações das pessoas. A IEA classifica a ergonomia em três tipos: a ergonomia física, cognitiva e organizacional. A primeira preocupa-se com os aspectos físicos da relação homem-sistema, abrangendo a anatomia e antropometria, enquanto a ergonomia cognitiva trata da percepção, memória e raciocínio. Por fim, a ergonomia organizacional foca na otimização dos sistemas socio tecnológicos. Dessa forma, as duas primeiras estão inseridas no presente estudo, contudo, a ergonomia física é a primordial em se tratando de conforto ambiental.

Importa saber a origem da ergonomia, que para Kenchian (2005) denota que a arquitetura faz uso de medidas para projeção e elaboração dos espaços, sendo que, os primeiros sistemas de medidas conhecidos, foram feitos com base nas partes do corpo humano. Todavia, pouco foi aprofundado em relação à proporção e dimensão do homem no espaço que ele ocupa e atividades que ele desenvolve, “com o intuito de propiciar qualidade a esse espaço edificado, com conforto, segurança e satisfação ambiental para seu usuário” (KENCHIAN, 2005, p. 21). Este autor faz alusão aos primórdios, quando se utilizavam de medidas corporais para definir os espaços e dimensões de suas habitações, mesmo que de forma intuitiva, explicando que:

A Ergonomia, como estudo científico da adequação do homem ao espaço em que ele se encontra, surge no século XX, limitando-se em abordar a atividade humana no trabalho, especificamente no setor militar e industrial. Após a década de 50, a atuação da Ergonomia começa a se estender a outros setores, como o sistema de tráfego e transporte, produtos de consumo, atividades recreativas e a habitação (KENCHIAN, 2005, p. 27).

Com o passar dos anos, verificou-se que, não apenas as medidas e proporções do ser humano importavam a um bom projeto, mas também o conhecimento da dinâmica de movimento e comportamento humano, buscando uma melhor relação entre o espaço e o indivíduo que o utilizaria. Nesse ínterim, vale lembrar que na época da escola Bauhaus, já citada anteriormente no contexto da história do design, professores e estudantes construíram uma casa em que a cozinha era o resultado dos estudos de uso e ocupação humano, mais tarde compreendido como estudos ergonômicos, com dimensões padronizadas (KENCHIAN, 2005).

Um dos grandes arquitetos do século XX, e também presente no histórico do design, Le Corbusier também se dedicou ao estudo das proporções humanas, criando na década de 1940, um instrumento de medida baseado nas relações métricas e proporcionais do corpo humano, o Modulor, com o objetivo de unificar o sistema a ser utilizado pelos arquitetos do mundo todo. Os estudos foram intensos, rendendo, inclusive, publicações de livros.

A partir da década de 1960 a ergonomia adentrou de fato à arquitetura, a fim de resolver os problemas encontrados nas habitações produzidas em larga escala pelos países europeus, devido à reconstrução pós Segunda Guerra Mundial. Desse modo, Kenchian (2005, p. 74) estabelece que:

[...] com os trabalhos em ergonomia desenvolvidos nesse período, se tem a compreensão da noção de variabilidade física da espécie humana, onde o tipo físico do europeu ocidental é distinto do negro africano, que por sua vez difere do japonês. Ainda, o tipo físico do homem militar, pelo seu condicionamento para atividades de alto grau de dificuldade, amplamente estudado, varia do tipo físico do homem civil, pela rotina de vida mais sedentária e de atividades regulares, e não extremas.

Nesse aspecto, é válido confrontar essas informações com as já citadas até o momento, objeto dessa pesquisa, como o fato da cultura e identidade locais, ou seja, os hábitos e costumes do indivíduo, interferirem diretamente no design de ambientes. Então, as diferentes alturas, pesos, trabalho desenvolvido, bem como as ações diárias, é que determinam um bom projeto ergonômico.

No Brasil, o ensino da ergonomia foi introduzido no início da década de 1960, pelo professor e engenheiro Sérgio Penna Kehl, um de seus precursores, que fundou o primeiro escritório especializado em ergonomia no país, reunindo engenheiros, arquitetos, designers e economistas. A partir desse momento, a ergonomia passou a ser estudada nas escolas de engenharia e desenho industrial, e na década de 1980, foi inserida como disciplina, ao lado de Conforto Ambiental (KENCHIAN, 2005).

Partindo do pressuposto de que a casa delimita diversas atividades diárias, a exemplo de comer, viver, dormir, conversar, estudar, cozinhar, é notória a relação da pessoa com sua habitação, sendo esse seu espaço de abrigo e sobrevivência. Ora, a ergonomia visa trazer o conforto necessário para tais atividades se desenvolverem, isto é, circunstâncias ideais buscando a qualidade do viver.

A análise de Kenchian (2005) aborda a habitação em sua dimensão material, a casa representa o produto, em que os consumidores são os moradores, sendo

desconsiderado o processo familiar, organização social, estrutura e número de pessoas. Lembra, ainda este autor, que no mercado imobiliário as famílias são caracterizadas pela quantidade de dormitórios em uma casa ou apartamento, sendo que essa falta de parâmetro preocupa, uma vez que é o consumidor quem impulsiona o setor de construção de casas.

Inobstante, o que se observa atualmente, é a oferta de casas cada vez menores e inadequadas em atender a relação usuário e moradia com louvor, visto que as medidas encontradas são incompatíveis e desproporcionais até mesmo para planejamento de mobiliário. Isto se deve a diversos fatores, como a mudança de perfil das famílias. Com a mulher inserida no mercado de trabalho, diminui-se a quantidade de filhos, não se tem mais o costume de ficar, comer e lavar a roupa em casa, e sim fazer tudo fora, devido aos horários apertados e a carga de trabalho dos membros da família. Além disso, o valor da construção (materiais e mão-de-obra) é crescente, por conseguinte, torna-se tarefa difícil projetar e executar ambientes colocando em prática os elementos do design de interiores, junto à ergonomia, em busca de conforto ambiental, se a parte arquitetônica, reduzida, já compromete esse trabalho.

Impera realçar que a ergonomia caminha lado a lado com a antropometria, essa última condicionando as dimensões físicas do indivíduo, com as atividades que desempenha em um ambiente. Dessa maneira, pode-se argumentar que as corretas dimensões de mobiliário, são determinantes no fator ergonômico de uma residência.

Zamberlan (2013), por sua vez, explica que para se fazer o projeto ergonômico de mobiliário e do ambiente físico, é absolutamente fundamental conhecer as dimensões da população por meio de pesquisa antropométricas em 3D, possibilitando um projeto adequado à variabilidade dimensional das pessoas que interagirão com os artefatos. Atesta que a ergonomia estuda a interface entre as pessoas e os objetos ou artefatos que a cercam, em um determinado contexto, sendo que esses contextos são variáveis.

Com base no descrito, ao fazer uma análise ergonômica de um determinado espaço arquitetônico, importa, primeiramente, a configuração física, ou seja, a construção propriamente dita. Posteriormente, os componentes físicos do ambiente, como o mobiliário, e por fim, o conforto ambiental (GOMES FILHO, 2003). Essa análise envolve espaços livres para circulação, bem como a circulação entre um ambiente e outro, facilidade de entrada e saída, mobiliário, acessórios, itens decorativos, conforto e segurança.

Pinheiro e Crivelaro (2014) destacam que o ser humano precisa ser visto como elemento fundamental para o projeto de produtos ou sistemas, e para isso, é necessário ter conhecimento das características humanas, objetivando conduzir as soluções de acordo com as necessidades postas pelo usuário. Porquanto, os artefatos não existem fora do envolvimento humano, eles são construídos, compreendidos e reconhecidos quando usados pelas pessoas que têm objetivos próprios.

De acordo com os autores supracitados, o design tem como foco principal a melhoria dos aspectos funcionais, ergonômicos e visuais do produto, trazendo conforto, segurança e satisfação, em atendimento às necessidades do usuário.

4.7 Conforto ambiental

Adequar uma edificação para o uso do homem, de forma que respeite as condições de insolação, ventilação, acústica e visual, caracteriza o conforto ambiental, que por sua vez, é subdividido em conforto visual, térmico e acústico. O conforto visual possui aspectos subjetivos, sendo que a maioria das pessoas gostam da visão ampla do horizonte, unindo ambiente construído e ambiente natural. O conforto acústico envolve estudos da poluição sonora, buscando ambientes mais silenciosos e confortáveis, enquanto o conforto térmico abarca um desempenho energético adequado respeitando as condições climáticas do local, bem como as necessidades dos usuários (LAMBERTS; DUTRA; PEREIRA, 2004).

A moradia é um dos elementos mais importantes para o núcleo familiar, tem como condição essencial a salubridade, por causa da necessidade de manutenção da saúde humana, seguida pela funcionalidade, estética e economia. Sendo assim, a habitação salubre deve atender as necessidades humanas de aspectos fisiológicos, psicológicos, segurança e proteção de doenças. Uma habitação salubre deve conter abastecimento de água potável, assim como proteção contra a poluição da água, além de sistema adequado de evacuação de resíduos líquidos e sólidos (PINHEIRO; CRIVELARO, 2014).

No viés desses autores, o conforto faz parte dos aspectos fisiológicos, e é formado pelo conjunto de outros itens: temperatura e umidade, ventilação e arejamento, iluminação, proteção contra ruídos e espaço, esse último em se tratando de dimensões mínimas permitidas. A arquitetura e o design de interiores, têm, como uma de suas funções, a de oferecer condições térmicas confortáveis,

independentemente de como estiver o clima fora da casa. Pinheiro e Crivelaro (2014, p.14) identificam que:

Muitos quesitos devem ser cumpridos na obtenção de um desempenho ambiental satisfatório. Por exemplo, o vento e a umidade que influenciam as condições térmicas merecem atenção e devem possuir um adequado planejamento arquitetônico. Também merecem atenção os seguintes quesitos: qualidade acústica, condições ideais de visão e iluminação, proteção contra poluição, salubridade, higiene e segurança.

A temperatura do ar, segundo Pinheiro e Crivelaro (2014), não depende da ação direta do sol, pois a radiação atinge o solo, que a absorve e transforma em calor, aumentando a temperatura do solo e, conseqüentemente, aquece o ar. Se um indivíduo não sente calor nem frio em seu ambiente de trabalho, ele está conseguindo manter sua temperatura interna, trabalhando confortavelmente e facilitando realizar as tarefas a ele atribuídas.

“Se o balanço de todas as trocas de calor a que está submetido o corpo for nulo e a temperatura da pele e suor estiverem dentro de certos limites, pode-se dizer que o homem sente conforto térmico” (LAMBERTS; DUTRA; PEREIRA, 2004, p. 46). Para isso, existem variáveis ambientais que influenciam diretamente nesse conforto: a temperatura do ar, a temperatura radiante, umidade relativa, velocidade do ar, além da atividade física e vestimentas.

De acordo com as explicações de Pinheiro e Crivelaro (2014) e corroborando com as ideias aqui já expostas, a luz natural é considerada a melhor fonte de luz para proporcionar uma melhor interpretação das cores. Para isso, é de suma importância considerar elementos que possam melhorar o desempenho da iluminação natural no ambiente, como: o tamanho das janelas, tipo de materiais das mesmas, além da orientação da edificação. Importante relevar que, além de melhor reprodução das cores, a quantidade de luz natural pode ser determinante na eficiência energética de uma moradia.

“A disponibilidade de luz natural nas regiões tropicais é grande, e esta deve ser usada de forma criteriosa. Não se trata de simplesmente abrir janelas [...], mas sim de equilibrar de forma adequada a entrada de luz difusa”, já que, em alguns casos, é necessário bloquear o calor gerado pela luz direta do sol, evitando problemas, tanto no conforto térmico, quanto luminoso, como o ofuscamento da luz (PINHEIRO; CRIVELARO, 2014, p. 18).

Segundo Lamberts, Dutra e Pereira (2004), a boa iluminação deve ter direcionamento adequado e intensidade ideal sobre o local de trabalho, proporcionando boa reprodução das cores, com ausência de ofuscamento. Estas condições, associadas ao fato de desenvolver as tarefas com o máximo de acuidade visual, com o mínimo de esforço e riscos reduzidos de acidentes, caracteriza o conforto visual.

Quanto ao vento, este é influenciado pela altitude, topografia e rugosidade do solo, sendo que, nos ambientes internos, o ar atmosférico se desloca pela diferença de temperatura no espaço, fazendo com que o ar frio desça, e o ar quente suba, o que se denomina de convecção natural. A utilização de um ventilador diminui a sensação de calor, o que caracteriza uma convecção forçada (PINHEIRO; CRIVELARO, 2014).

A umidade do ar, por conseguinte, é regulada pela vegetação e pelo ciclo hidrológico, isto é, precipitação, escoamento, infiltração, evaporação e condensação, ao passo que “interfere diretamente em três mecanismos de perda de água do corpo humano, a saber: a difusão de vapor da água por meio da pele (transpiração imperceptível), a evaporação do suor da pele e a umidificação do ar respirado” (PINHEIRO; CRIVELARO, 2014, p. 22).

Os autores acima citados, esclarecem que a avaliação de desempenho nas edificações, do ponto de vista do conforto ambiental, é baseada nas normas técnicas da ABNT. Dito isto, para avaliar o desempenho de uma edificação, faz-se necessário amplo conhecimento sobre materiais e técnicas de construção, assim como as necessidades dos usuários.

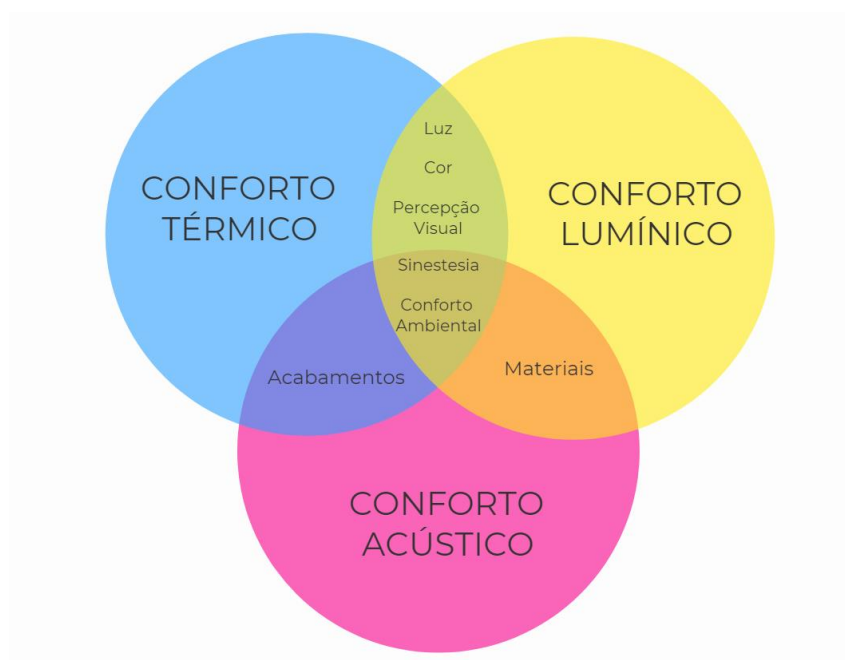
Um fator de destaque em se tratando de conforto térmico, é a utilização de vegetação, tanto na área externa, quanto na área interna de uma moradia. Pinheiro e Crivelaro (2014) argumentam que o paisagismo pode ser estratégico, se pensado em conjunto com o plano diretor do município, a fim de trazer qualidade de vida, frente ao crescimento da cidade. Outrossim, nos dias de calor, por exemplo, a população terá opção de momentos de lazer e descanso em locais sombreados. É sabido, ainda, que a vegetação urbana melhora o conforto térmico dentro das residências, bem como a vegetação utilizada na cobertura dos imóveis, chamada de telhado verde.

A propósito, o telhado verde também importa para o conforto acústico, termo este que o conforto ambiental abarca, podendo ser influenciado desde o revestimento de uma parede, tipo de piso utilizado, tipo de cobertura, até a utilização de itens de decoração, como tapetes e cortinas. Tal fato é explícito, ao adentrar em um imóvel

vazio, provocando eco ao conversar, diferentemente de visitar um expositor de imóveis, com os ambientes decorados, trazendo total conforto ao usuário visitante.

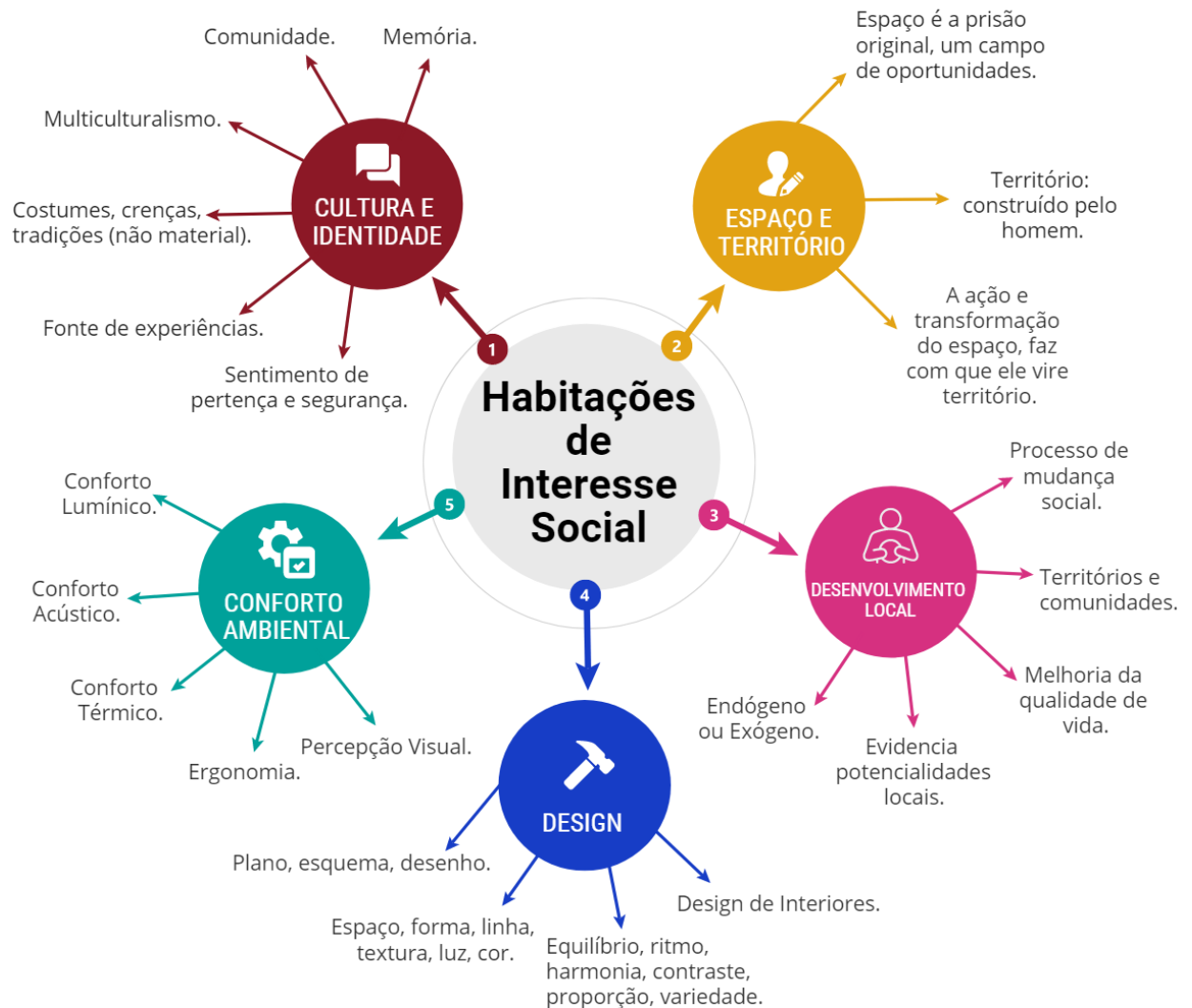
Cabe recordar que a NBR 15220 (ABNT, 2003) traz todas as informações necessárias quanto ao desempenho térmico das edificações, bem como as especificidades do assunto, porém esquiva-se do foco prático desta pesquisa. Ressalta-se, pois, que o conforto ambiental abrange o conforto térmico, lumínico e acústico (Figura 9), depreendendo que a temperatura, ventilação, umidade, luz e cor, são fatores diretamente ligados às sensações provocadas no indivíduo, dentro de um determinado ambiente.

Figura 9 - Conforto ambiental



Todos esses fatores, associados à ergonomia (NR 17³) produzirão conforto, sendo convidativo ao usuário que habitará esse espaço, trazendo sensações satisfatórias, assim o ambiente estará propício para exercer determinada atividade. Se é agradável, possui um bom conforto ambiental. Pelo infográfico (Figura 10) é possível recompilar todos os conceitos e arguições trazidos até essa etapa da pesquisa.

³ Esta Norma Regulamentadora visa estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de modo a proporcionar um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente.

Figura 10 - Infográfico dos conceitos

De modo que se possa prosseguir com o estudo acerca das habitações de interesse social, analisando sua estrutura frente às características do Design de Interiores, bem como seus princípios para que se possa obter o conforto ambiental, vale submergir o universo das habitações de caráter municipal.

5 HABITAÇÕES MUNICIPAIS DE INTERESSE SOCIAL

Em se tratando dos provedores de habitações de interesse social na capital sul-mato-grossense, destacam-se as entidades na esfera municipal e estadual, a Agência Municipal de Habitação (EMHA) e Agência de Habitação Popular de Mato Grosso do Sul (AGEHAB). Contudo, o presente estudo concentra-se na esfera municipal, investigando seus planos e propósitos, pesquisando as obras em questão, a fim de definir um condomínio onde o estudo possa se concentrar, visando explorar suas capacidades frente ao arcabouço teórico ostentado.

5.1 Sobre a EMHA

Em entrevista semiestruturada direcionada à esta pesquisa, Gabriel de Lima Gonçalves⁴, diretor de habitação e programas urbanos da EMHA, explica que se trata de um órgão que gerencia os programas focados em habitações sociais, como o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Programa de Arrendamento Residencial (PAR) e, mais atualmente, o programa Minha Casa Minha Vida. No endereço eletrônico oficial da EMHA, a agência é apresentada como “uma autarquia, dotada de personalidade jurídica de direito público, prazo de duração indeterminado, com patrimônio próprio”, e que tem por finalidade o planejamento, execução e controle dos programas de habitações de interesse social, além de prover melhorias habitacionais ao município de Campo Grande (CAMPO GRANDE, 2008).

Gabriel de Lima Gonçalves é arquiteto e trabalha na diretoria da EMHA desde 2017. Questionado a respeito da quantidade de condomínios de casas populares que fazem parte desses programas, esclarece que não existem dados tabulados, visto que muitas informações se perderam com o decorrer dos anos.

Ele revela que a EMHA possui essa sigla, pois, anteriormente, era uma empresa - Empresa Municipal de Habitação, com a determinação do Ministério Público de que a empresa deveria ser uma Secretaria, para compor a gestão do município, a Secretaria de Assuntos Fundiários englobou a EMHA, até que, mais tarde, ela virou uma agência. Gabriel explica, ainda, que em breve o nome mudará novamente. Portanto, a EMHA é uma autarquia, tem independência financeira e

⁴ Entrevista autorizada, realizada em junho/ 2019.

administrativa, mas é da prefeitura, possuindo amplo quadro de funcionários entre cargos concursados e comissionados.

A Agência Municipal de Habitação possui, hoje, quatro diretorias, sendo elas: Atendimento e Desenvolvimento Social, Diretoria de Habitação e Programas Urbanos - da qual Gabriel é o responsável, a de Assuntos Fundiários e Rurais, e a última, responsável pela Administração e Finanças. No âmbito da diretoria de habitação, por sua vez, encontram-se a Chefia de Projetos, de Fomento e Planejamento Habitacional, além da Chefia de Produção e Monitoramento de Obras.

Segundo Gabriel de Lima Gonçalves, por meio de um cadastro realizado no *site* da agência municipal, e que necessita ser renovado anualmente, ocorrem sorteios para beneficiar os usuários com sua primeira casa própria, sendo que as regras de renda dependem do programa associado à cada condomínio construído. O foco, de acordo com o diretor, é construir mais condomínios com fundos próprios, inclusive para locação social.

Ele estipula que, atualmente, a fila de usuários cadastrados em busca de sua casa própria, ultrapassa o número de 42 mil pessoas, sendo que, muitas dessas famílias aguardam há mais de 15 anos na fila. Por esse motivo, algumas negociações são feitas em relação à construção da EMHA e AGEHAB, que procuram fazer parcerias.

Quanto aos locais, são determinados mediante alguns fatores, como áreas grandes, sem rios, sem grandes depressões, consideradas boas para se construir, o que reduz custos na obra, e que seja pública, pois trabalhar com desapropriação aumenta muito os valores. Quando o terreno é da Prefeitura, passa pela Câmara para aprovação e, posteriormente, é transferido para uso da EMHA.

Depois de determinada a área, o projeto pode ser feito por empresas terceirizadas ou pela equipe própria, pois, como explanou o entrevistado, são diversas categorias de programas a qual a EMHA gerencia. Com o projeto pronto e aprovado, é aberta a licitação às construtoras, apenas depois de tudo pronto e devidamente aprovado, todo esse material é levado para a Caixa Econômica Federal (CEF), que faz a análise de engenharia, de risco e jurídica. Em seguida, vai para a CEF matriz, e somente depois de todo esse processo concluído, o projeto vai para aprovação em Brasília, ou seja, um processo político que pode ser bastante demorado.

Após o chamamento para iniciar a obra, as construtoras contratadas devem seguir todas as regras e normas, pré-determinadas, segundo o programa Minha Casa

Minha Vida. Quem faz a avaliação de todo esse processo, é a agência financeira, neste caso a Caixa Econômica Federal.

Dentre vários projetos que a EMHA possui em andamento, o diretor entrevistado coloca três em posição de destaque, sendo o primeiro, um condomínio que terá entre 650 e 700 unidades, sendo este, de um edital já em circulação, a fim de pleitear as empresas para realizar a construção. Este condomínio entrará no Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), abrindo a faixa 1,5 (famílias que possuem renda de até R\$ 2600,00) e ocupará um grande vazio existente na capital, onde seria, outrora, a rodoviária.

Outro projeto de grande visibilidade que será realizado na área central de Campo Grande, próximo ao horto municipal, terá todo o conceito e projeto, pela primeira vez, desenvolvidos com fundos próprios, será um condomínio voltado para idosos, com 40 apartamentos, a ser lançado em breve pela EMHA. O projeto visa a valorização da área central, bem como o foco no conforto térmico-acústico dos apartamentos, além das adaptações necessárias aos idosos.

Por conseguinte, Gabriel de Lima Gonçalves menciona o projeto do loteamento Bom Retiro, com muito entusiasmo, visto que será um projeto realizado com fundos próprios da EMHA, e depois de um longo período de acertos, o projeto tomará forma, tendo recebido o título de Programa Ação Casa Pronta. Para tanto, o trabalho voltou-se a este condomínio em específico, para fins de aprofundamento da pesquisa, visto que a quantidade de condomínios providos e/ ou gerenciados pela EMHA é um número em aberto, dificultando a finalização do trabalho. Assim, acredita-se ser possível explorar as características das casas, elementos construtivos, analisar o conforto ambiental dessas residências, bem como apreender a opinião dos moradores do local, utilizando o Programa Ação Casa Pronta, concentrando-se no loteamento Bom Retiro.

5.2 A história do loteamento Bom Retiro

O déficit habitacional, gerado pela urbanização acelerada de Campo Grande, incompatível com a estrutura econômica do estado, somado às dificuldades do planejamento de normas habitacionais para uso, ocupação e parcelamento do solo, acabou gerando favelas no entorno do perímetro urbano. A favela nomeada “Cidade de Deus II” situava-se em uma área da porção sudoeste da capital sul-mato-

grossense, sendo esta, destinada como área de preservação ambiental, fazendo parte do cinturão verde ao redor do aterro municipal. Considerando que esse aterro foi fonte de renda para uma parcela significativa dos moradores da favela, que atuava como separadores de recicláveis, impera mencionar que se tratava de uma área próxima ao encontro dos córregos Anhanduí e Formiga, sendo este primeiro, considerado o curso d'água mais poluído da cidade (CARVALHO; GONÇALVES; YUBA, 2019).

De acordo com o diretor de habitação da EMHA, era necessária a regularização dessa área, para tanto, era crucial a reinserção dos moradores da favela “Cidade de Deus II”, totalizando aproximadamente 1000 pessoas, em uma nova região da capital. Assim, a EMHA, em parceria com a Fundação Social do Trabalho (FUNSAT), desenvolveu o programa denominado “Ação Casa Pronta”. As famílias que ocupavam a área da comunidade, foram divididas em quatro novas regiões do município, são elas: Vespasiano Martins, Jardim Canguru, José Teruel e Bom Retiro, tendo início as obras, neste último.

No que tange ao processo de reassentamento dessas famílias, Carvalho, Gonçalves e Yuba (2019, p. 832-3), realçam que:

[...] desdobra-se a partir de uma caracterização e análise da demanda apta ao enquadramento de interesse social. Após a identificação e análise das famílias, foram parametrizados critérios de agrupamento das mesmas, segundo a disponibilidade de lotes. Mais da metade das famílias, 61,06%, permanecerão em áreas contíguas à favela. As outras 38,94% assentadas em lotes disponíveis na Região Urbana do Segredo, o bairro Bom Retiro. Das 390 famílias, sobre as quais foi realizado o cadastro social, 96 famílias não se enquadraram nos critérios, pois algumas já haviam sido beneficiadas e outras não foram encontradas.

O processo de construção das casas das famílias reassentadas, demorou a tomar proporção, vivendo essas pessoas por pelo menos 4 anos em barracos ou construções inacabadas. A reclamação dos moradores era constante, de que a favela só havia mudado de lugar, mas eles permaneciam em situação instável. Isso ocorreu devido ao desaparecimento da Organização Não-governamental (ONG) - Mohrar, que firmou parceria afim de realizar o serviço para a Prefeitura de Campo Grande, em 2016, mas depois desapareceu (CORREIO DO ESTADO, 2018).

Adiante, a EMHA assumiu a responsabilidade do programa “Ação Casa Pronta”, com apoio da FUNSAT e AGEHAB. O diretor de habitação, Gabriel, destacou a parceria da AGEHAB, sendo societária ativa nesse processo, supervisionando os moradores participantes na construção das casas, qualificados, pois, pela FUNSAT.

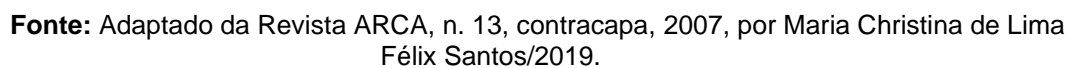
A qualificação dessas pessoas, tem o intuito de reinseri-los no mercado de trabalho, após a conclusão do programa.

O Bom Retiro é o único, até o momento, com as obras iniciadas. Gabriel reforça a ideia de ser um programa habitacional diferenciado dos demais, visto que valoriza a ação dos próprios moradores, colocando em pauta o sentimento de pertença à sua casa e à comunidade em que vive, preconizando os atores locais, conceitos estes amplamente estudados em desenvolvimento local.

O programa “Ação Casa Pronta” conta com a ajuda dos moradores não só da comunidade agora nomeada Bom Retiro, mas também das outras três, como esclarece Gabriel, sendo que essas pessoas foram capacitadas com cursos na área da construção civil, para prosseguirem com a execução das casas. Além disso, têm direito à transporte, salário mínimo e cesta básica, enquanto estiverem trabalhando na obra.

Gabriel enfatiza, então, o papel da FUNSAT, que contratou engenheiros, arquitetos, e outros profissionais de áreas correlatas, para ministrar os cursos para os moradores, e, ainda, auxiliá-los como instrutores, *in loco*. Os moradores foram qualificados para trabalhar como pedreiro, marceneiro, encanador, eletricista, entre outros.

A capital sul-mato-grossense, Campo Grande, está dividida em sete Regiões Urbanas (Figura 11), sendo que o loteamento Bom Retiro está localizado na Região Urbana do Segredo, no bairro Vila Nasser (Figura 12), e é um projeto desenvolvido por órgãos municipais e estaduais, sem interferência de órgãos privados. Após revisar os projetos das casas, antes comandados pela ONG, organizar o orçamento e capacitar os futuros moradores, a EMHA prosseguiu com as obras, de acordo com Gabriel.



Fonte: <https://www.google.com/maps> (2019).

Em visita à obra (novembro/ 2019) foi possível verificar que, diferente da maior parte das ruas adjacentes, as casas do projeto Ação Casa Pronta, não possuem asfalto ou calçadas. Existem algumas casas que foram entregues na gestão anterior, há 4 anos, as casas recém-construídas pelo projeto Ação Casa Pronta, e àquelas que ainda estão em fase de acabamento, pelos próprios moradores, capacitados para tal (Figura 13).

Figura 13 - Loteamento / comunidade Bom Retiro



Foto: Ana Carla F. S. Porto/ 2019

O local não possui esgoto, sendo o descarte feito em fossa séptica. O loteamento conta com energia elétrica, um parquinho e uma academia ao ar livre, recém-inaugurados, além de uma horta comunitária (Figura 14), sendo prevista a construção do centro comunitário em breve.

Figura 14 - Área comunitária**Foto:** Ana Carla F. S. Porto/ 2019

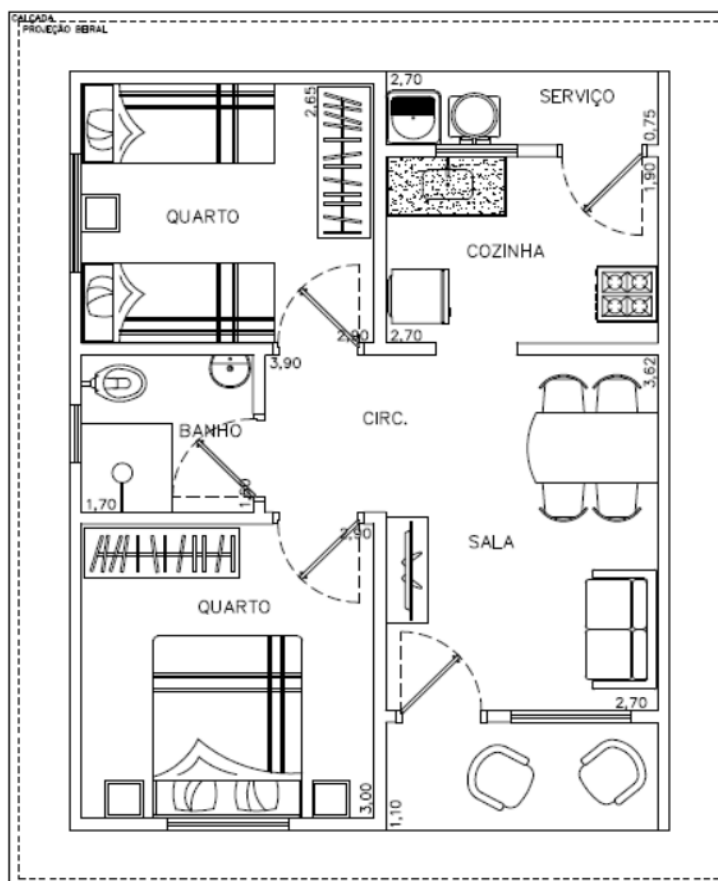
Até a data da entrevista (Junho/ 2019), Gabriel contabilizou 55 casas entregues no loteamento Bom Retiro, sendo que, ao final da obra, totalizarão 136 casas. Assim, será dada sequência ao programa, iniciando as obras nos demais loteamentos onde foram reassentadas as outras famílias, até a conclusão do projeto “Ação Casa Pronta”.

5.3 O projeto

Em terrenos de 300 m², a planta das residências do Projeto Ação Casa Pronta, que estão sendo construídas no loteamento Bom Retiro, possuem 46,07 m², com sala, cozinha, dois quartos e um banheiro, além de uma pequena varanda, à frente da casa, e uma área de serviço, voltada para o fundo (Figuras 15, 16 e 17). Algumas casas são geminadas, para melhor aproveitamento dos lotes. Ademais, possui uma planta adaptada para portadores de necessidades especiais. Uma calçada delimita o entorno de cada casa, e não há muros separando visualmente os terrenos.

Figura 15 - Projeto em perspectiva

Fonte: Cartilha Ação Casa Pronta

Figura 16 - Planta Humanizada

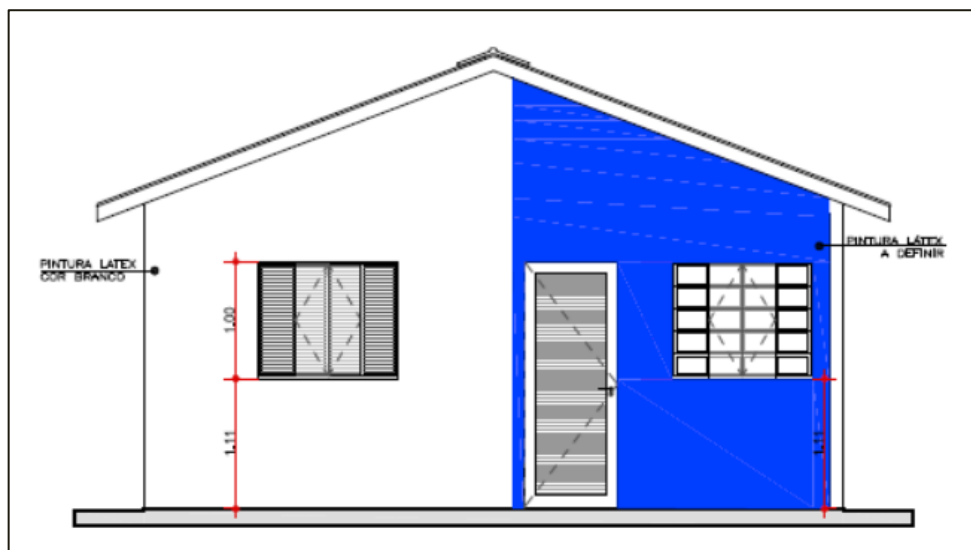
Fonte: Cartilha Ação Casa Pronta

Figura 17 -Casa pronta

Fonte: <http://www.campogrande.ms.gov.br/> (2019)

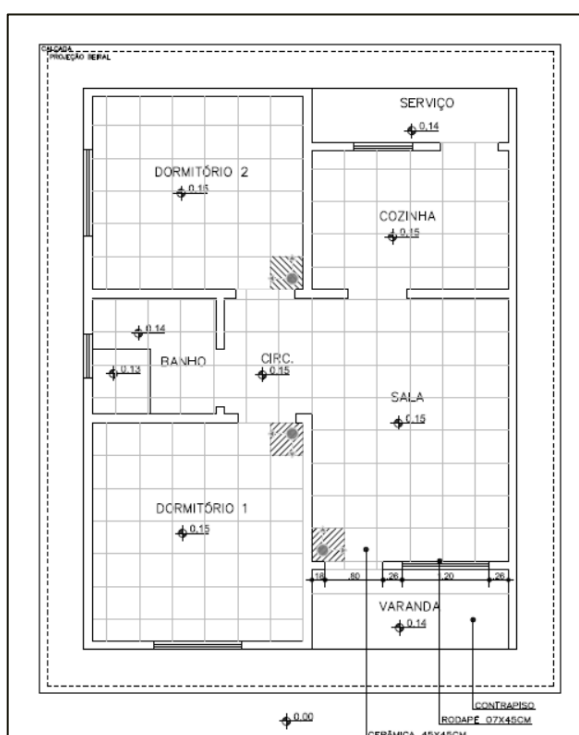
As casas possuem telha de fibrocimento, forro em PVC, e pintura em branco por causa da refletância térmica, para compensar a falta da telha de cerâmica, que não foi possível devido ao curto orçamento, segundo Gabriel de Lima Gonçalves. Verificando o detalhamento dos projetos, além das informações contidas na entrevista do diretor de habitação, é possível descrever alguns detalhes construtivos, importantes para a presente pesquisa, como a caixa d'água de 500 litros e acabamentos dos ambientes. A pia da cozinha sendo de marmorite⁵, assim como o tanque, ambos com torneira e sifão plásticos. No banheiro, a bacia sanitária e lavatório são de louça, sendo o lavatório suspenso, e a caixa de descarga suspensa, de plástico. Os quartos possuem janela padrão de 1,20 x 1 m, com duas folhas de correr, e veneziana. Na parede da varanda, na fachada frontal, um detalhe interessante, foram dadas algumas opções de cores para que o morador pudesse escolher a que melhor lhe agradasse (Figura 18).

⁵ Mistura de fragmentos de mármore, granito, vidro, quartzo, entre outros, com um ligante cimentício, polimérico, ou com uma combinação de ambos. O visual é de uma pia de plástico, imitando o acabamento do mármore.

Figura 18 - Fachada frontal

Fonte: Cartilha Ação Casa Pronta.

A varanda, área de serviço e calçada são entregues no contrapiso, e a parte interna da casa com piso cerâmico (Figura 19). Revestimento presente apenas na área em cima da pia da cozinha, em cima do tanque, lavatório do banheiro, e na área do chuveiro, com altura de 1,65 m. Piso, forro e paredes brancas.

Figura 19 - Paginação de piso

Fonte: Cartilha Ação Casa Pronta.

6 PERCEPÇÃO DOS MORADORES

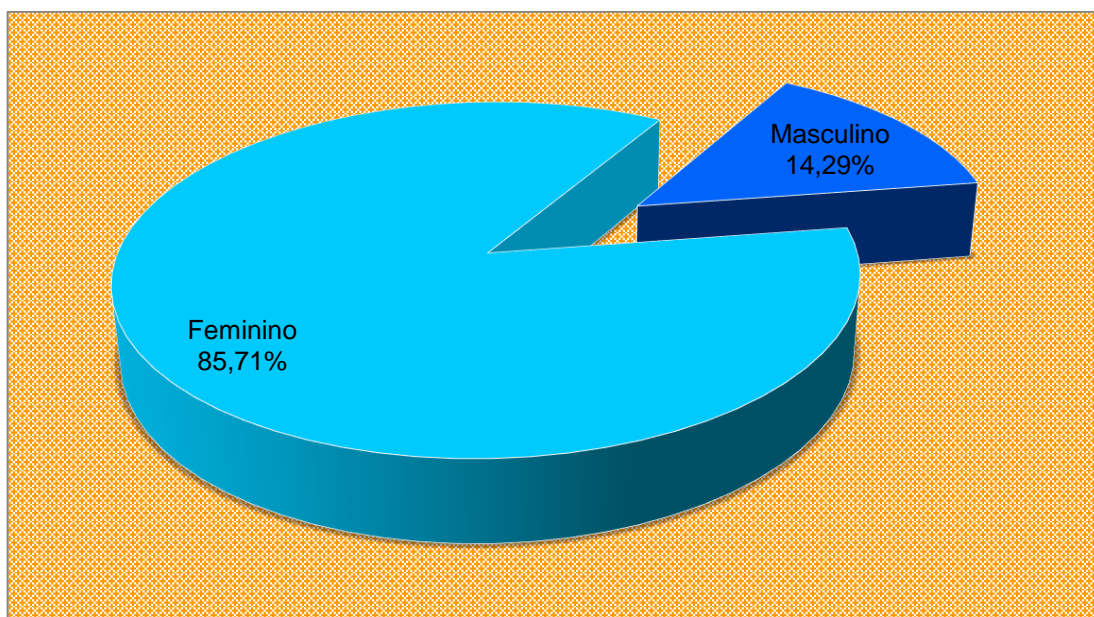
O presente trabalho apresenta aspectos quanti-qualitativos, com o levantamento de informações acerca dos moradores de uma comunidade de habitações de interesse social, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, objetivando interpretar o comportamento do morador, apreendendo seu perfil e opinião. Para tanto, com o intuito de responder aos questionamentos iniciais, após o arcabouço teórico predisposto, entrevista com o diretor de habitação da EMHA, e observações das casas e comunidade *in loco*, optou-se por dilatar a coleta de dados, em busca de informações epílogas.

Para esta coleta de dados, elegeu-se a aplicação de formulários, em que o pesquisador e o pesquisado ficam face a face. Este método de pesquisa viabiliza menor número de respondentes, porém com réplicas mais completas e diretas, evitando as distorções, visto que as perguntas são respondidas de imediato. Tendo o cuidado para manter a imparcialidade, o método de coleta de dados por meio de aplicação de formulários se mostra eficiente, permitindo ao pesquisador esclarecer qualquer dúvida no ato da pesquisa, bem como a facilidade em agregar as pessoas analfabetas no estudo.

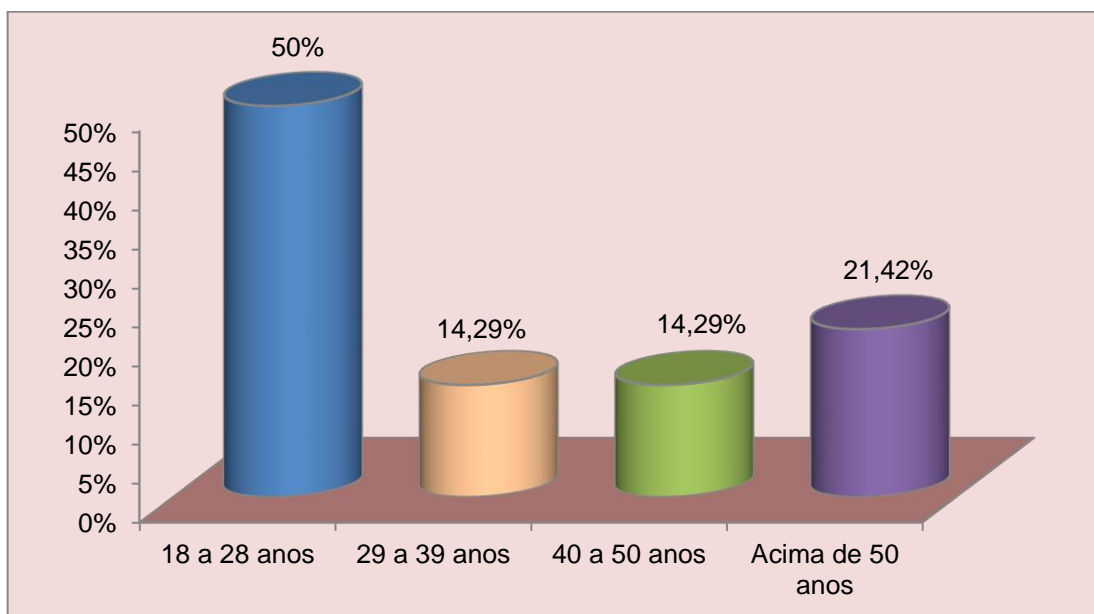
Dessa forma, o formulário aplicado (APÊNDICE), continha questões fechadas para captar dados pessoais e socioeconômicos, e questões abertas para colher dados específicos em relação ao estudo, em uma amostragem por conveniência, ou seja, não-probabilística.

Durante a visita ao loteamento Bom Retiro, também chamado de comunidade por parte de moradores do local, ou condomínio Bom Retiro, foi possível conversar com 15 pessoas que já tiveram suas casas entregues para morar, sendo que deste total, 2 pessoas residem na mesma casa. Assim, foram analisadas 14 casas (14 formulários preenchidos) do Projeto Ação Casa Pronta (Gráfico 1), sob a ótica de pessoas que já residem no local, sendo a maior parte dos respondentes do sexo feminino, e com a 15ª moradora foi realizada uma entrevista aberta, pois estava trabalhando na obra, e foi importante captar sua visão sobre o projeto em questão.

Os dados foram tabulados, analisados, e para melhor apresentação, optou-se pela utilização de gráficos via percentual.

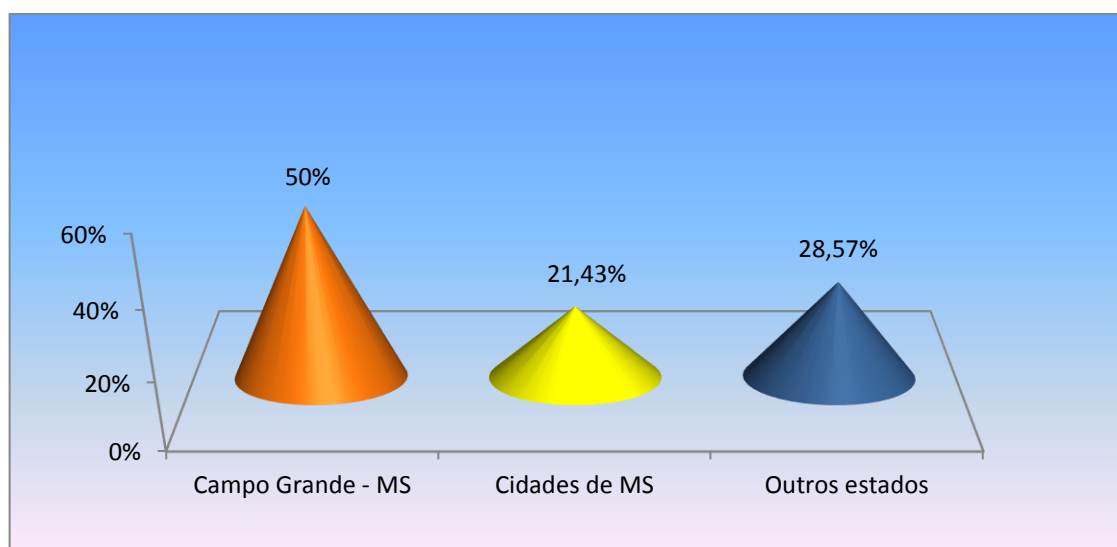
Gráfico 1 - Sexo

Impera ressaltar que os respondentes são pessoas que se encontravam em suas residências no período vespertino, em dia útil, portanto nem todos os residentes eram os responsáveis legais pelo imóvel. Do total de 14 pessoas que responderam ao formulário, metade tinha menos de 28 anos de idade (Gráfico 2).

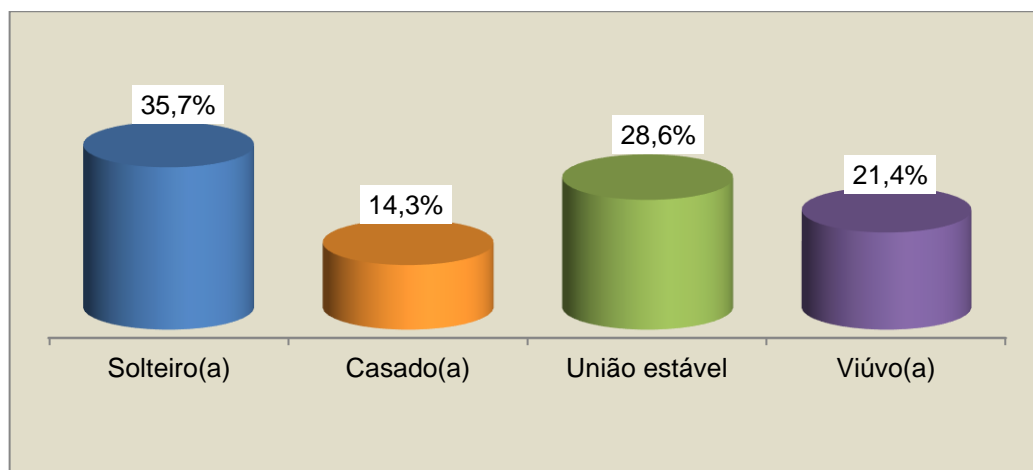
Gráfico 2 - Idade

Ainda acerca de dados pessoais dos moradores, foi possível verificar que metade nasceu em Campo Grande (Gráfico 3), sendo que dois moradores relataram ter nascido na capital sul-mato-grossense, porém foram criados em outros estados, retornando para a cidade natal há pouco tempo. Identificou-se que 21,43% nasceram em outras cidades do estado de Mato Grosso do Sul, enquanto os demais vieram de cidades do estado de Mato Grosso, Paraná, Bahia e Rondônia.

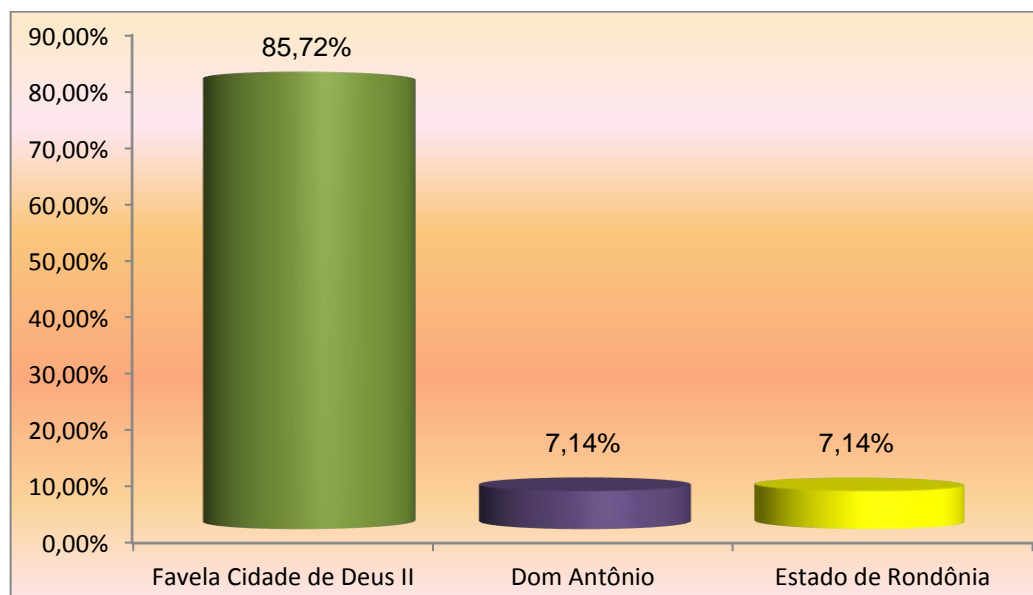
Gráfico 3 - Cidade em que nasceu



Com relação ao estado civil dos moradores que responderam ao formulário, 35,7% são solteiros, 28,6% vivem em União estável, sendo também considerada nesta categoria os casais que não possuem um ajuntamento formal perante a lei. Do total de 14 pesquisados, 3 são viúvos e 2 casados (Gráfico 4). Foi possível analisar que muitas crianças moram com mães solteiras, outras são criadas pelos avós.

Gráfico 4 - Estado civil

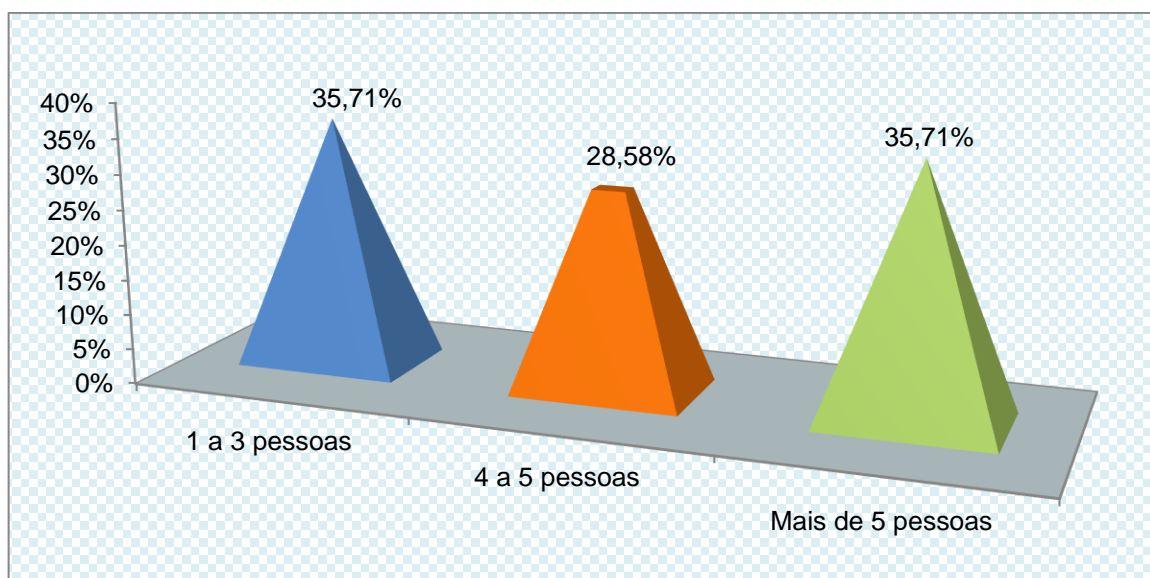
Ao serem questionados em relação ao local que moravam, antes de terem a oportunidade da casa própria, no Projeto Ação Casa Pronta, comandado pela EMHA, em parceria com a AGEHAB e a FUNSAT, apenas um morador disse ter recém vindo do estado de Rondônia, e um do bairro Dom Antônio, onde morava de forma gratuita, os demais estavam residindo na Favela Cidade de Deus II, em barracos improvisados e sem nenhuma infraestrutura (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Local que morava antes de ir para o loteamento Bom Retiro

Por conseguinte, foi perguntado aos moradores, quantas pessoas residiam na mesma casa, verificando-se que 35,71% habitavam com mais de 5 pessoas (Gráfico 6). Importa destacar que no local foram observadas casas em que havia muitas

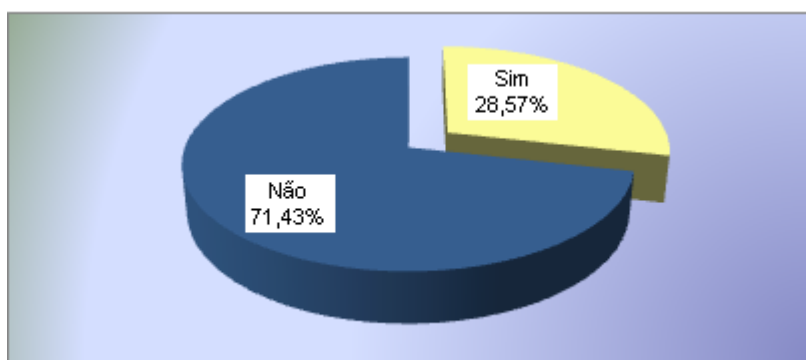
crianças, sendo que em algumas dessas residências, as crianças maiores eram responsáveis pelas menores, enquanto os pais trabalhavam.

Gráfico 6 - Quantidade de pessoas que moram na casa



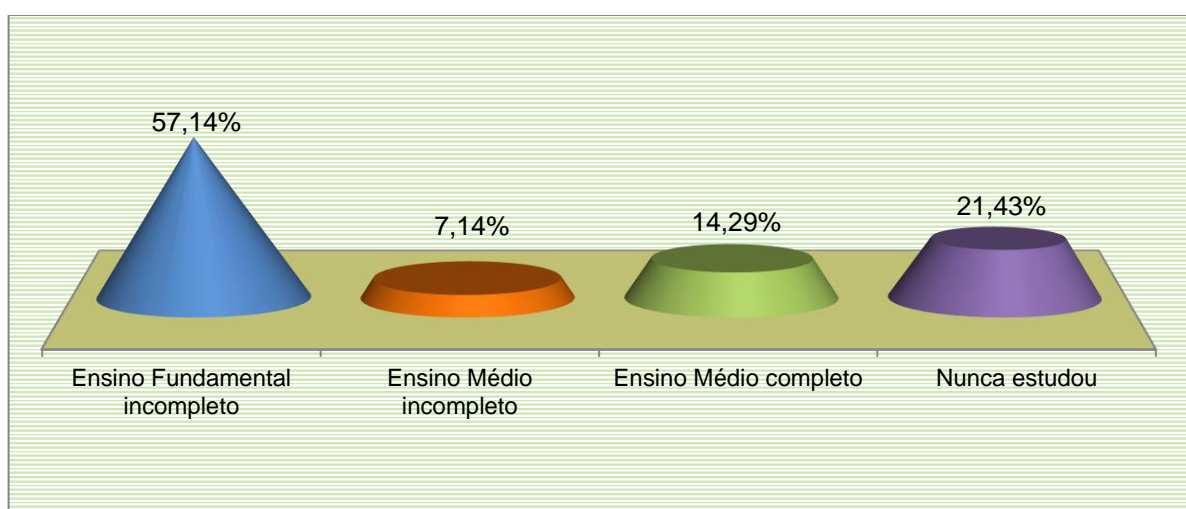
A pergunta acerca do trabalho atual do morador, tinha como opções de resposta: sim, no projeto Ação Casa Pronta; sim, registrado; sim, de forma autônoma, além da resposta “não trabalho”, sendo que esta última somou 71,43% dos respondentes (Gráfico 7). Lembrando que, nem todos os moradores respondentes eram os responsáveis financeiros da família, sendo explicado por alguns habitantes que o pai, a mãe, a tia, ou a avó, trabalhavam no projeto Ação Casa Pronta, e estavam no canteiro de obras no momento em que acontecia a referida pesquisa.

Gráfico 7 - Exercício de atividade remunerada

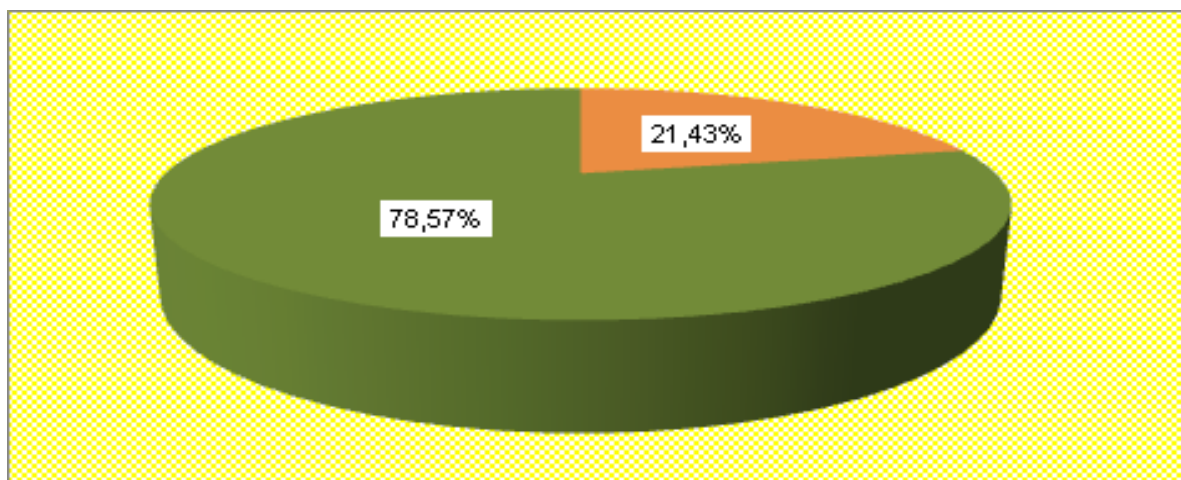


Com relação ao nível de escolaridade (Gráfico 8), identificou-se que mais da metade cursou o Ensino Fundamental incompleto, sendo consideradas como respostas nesta opção, quem cursou o ensino básico (1ª a 4ª série) completo ou incompleto e quem cursou o ginásio (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano) incompleto. Assim, dos 14 participantes, apenas 3 cursaram o Ensino Médio (1º ao 3º ano do EM), sendo que 2 concluíram. No momento de aplicar o formulário, fez-se necessário acrescentar a opção “nunca estudou”, referente a 3 dos moradores.

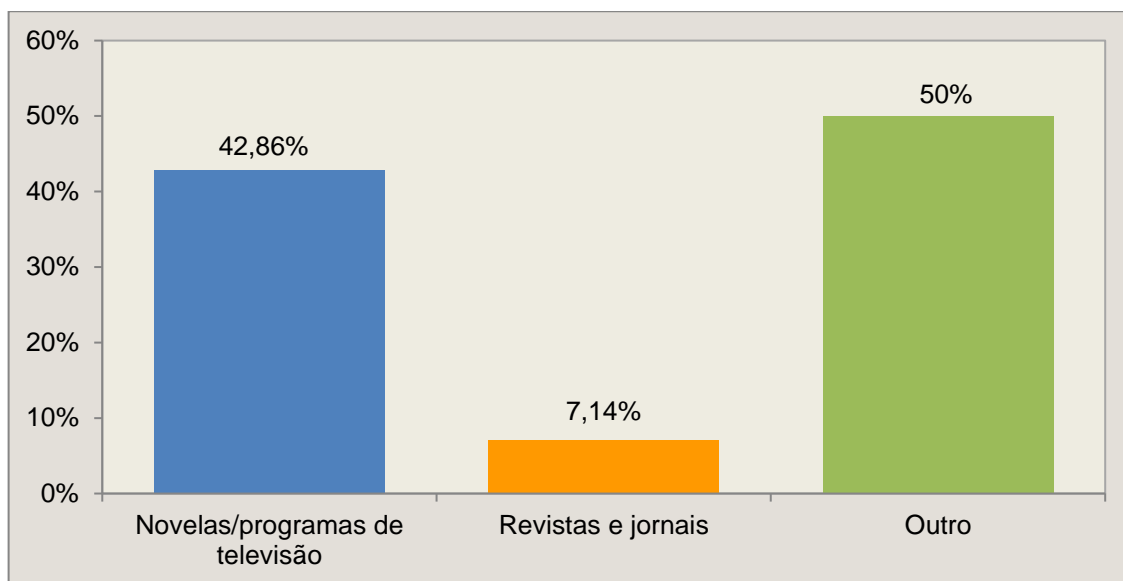
Gráfico 8 - Nível de escolaridade



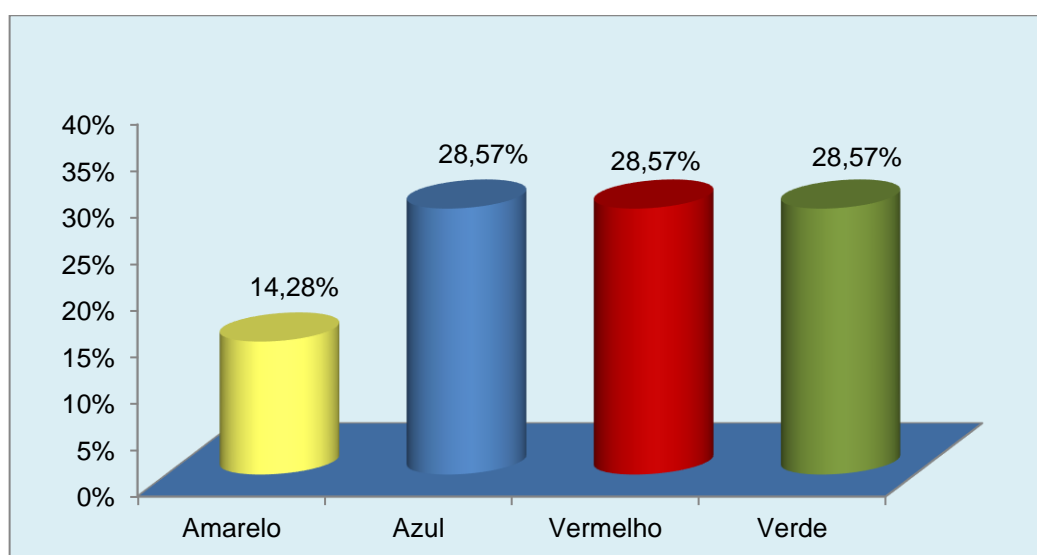
Para compreender o possível impacto que a preparação profissional do Projeto Ação Casa Pronta gerou na comunidade da antiga Favela Cidade de Deus II, foi questionado aos moradores, se eles possuíam alguma formação/qualificação profissional, sendo que 21,43% responderam que sim, sendo apenas duas pessoas que possuem qualificação em área díspar ao projeto (manicure e pedicure/ técnico em enfermagem), os demais são qualificados nos cursos preparatórios do Projeto: encanador, azulejista, pedreiro (Gráfico 9). Novamente, ao serem indagados sobre o motivo de não trabalharem, vários moradores esclareceram que não eram os responsáveis financeiros da família, sendo que metade explicou que um membro da família estava naquele momento trabalhando na construção das casas, enquanto eles cuidavam da casa e das crianças.

Gráfico 9 - Formação profissional

Adentrando aos objetivos específicos da presente pesquisa, 100% dos respondentes assinalaram que não obtiveram (e não pretendem obter) ajuda profissional para ambientação e decoração da sua casa. Na pergunta seguinte, ao serem interrogados no que se baseiam para mobiliar e decorar a residência, 42,86% responderam que se inspiram nas novelas e programas televisivos, sendo que 3 deles disseram sonhar alto com tudo o que veem na televisão, objetivando um dia terem aquela decoração em suas casas. Se inspiram em fotos de revistas e jornais, apenas 7,14% dos respondentes, e na opção outros, insere-se a moradora que citou ter um irmão marceneiro que planejou alguns móveis sob medida para sua casa, e os que disseram não ter nada específico pensado na decoração, obtendo apenas o estritamente necessário para se sobreviver na casa. Inclui-se também as pessoas que especificaram não ter móveis ainda, ou que simplesmente mantiveram a pouca mobília que tinham no barraco, ainda sem previsão de adquirir novos móveis e objetos de decoração. Nesta categoria também foi incluída a moradora que utiliza materiais recicláveis para mobiliar e decorar a casa, inspirando-se nos animais do pantanal (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Em que se baseia/ inspira para mobiliar e decorar a casa

Em se tratando da escolha da cor da fachada, os moradores tiveram 4 opções de cores para definirem a sua preferida, questionados do movedor da escolha, não souberam descrever motivos específicos relacionados à significado das cores (Gráfico 11). Alguns relataram que a escolha foi do dono da casa, e não sabiam o motivo, outros simplesmente porque gostam de determinada cor, ou porque achavam que ninguém escolheria a cor vermelha, por exemplo, e queriam ter a casa diferente, sem nenhum motivo especial, conforme relataram. A escolha das cores, mediante as casas analisadas, estava bem equilibrada, sendo a cor amarela a que menos foi escolhida.

Gráfico 11 - Escolha da cor na fachada da residência

Ademais, quando arguidos acerca do conforto da casa, 100% das respostas afirmaram que sim, citando ser “boa e caprichada”, “bem melhor que o barraco” e que melhorou muito a qualidade de vida. Um respondente afirmou que acha a cozinha muito pequena, porém a casa de um modo geral é muito fresca e confortável. Todos concordaram que, para quem morava em barraco, sem piso, forro, água e energia, para eles é um sonho realizado ter um local melhor para residir, com toda a infraestrutura necessária, portanto, todos acham que a casa é confortável e boa para se morar (Figura 21).

Figura 21 - Casas consideradas confortáveis pelos moradores



Foto: Ana Carla F. S. Porto/ 2019

Por conseguinte, foi interrogado acerca da influência da cultura campo-grandense na forma de ambientação da casa, sendo que metade dos residentes concordaram que sim, inclusive moradores que não são nascidos na cidade. Uma

moradora que nasceu no Pantanal, cita sua paixão pelos animais e pela cultura pantaneira, explicando ser este o motivo de utilizar recortes de animais e paisagens do pantanal, para decorar as paredes da sala e cozinha de sua casa, além de adesivar a geladeira (Figura 22).

Figura 22 - Ambientação inspirada no Pantanal



Foto: Ana Carla F. S. Porto/ 2019

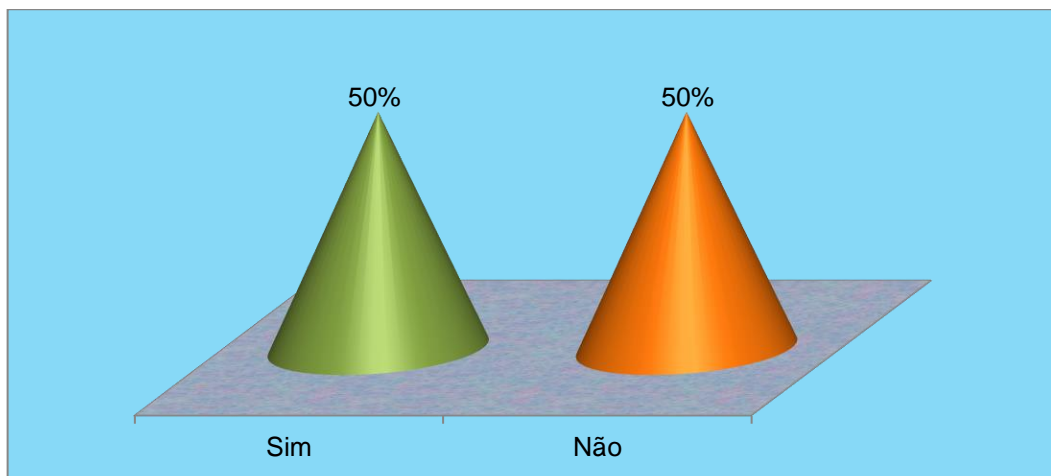
Três moradores destacaram a vantagem da pequena varanda coberta à frente da casa, espaço valioso para o tereré no fim da tarde. Uma moradora ressaltou que o pai fez questão de colocar um banco grande na varanda, e as cadeiras na frente da casa, para fazer diariamente a roda do tereré com os filhos e vizinhos (Figura 23), enquanto outro avaliou a cultura como algo valioso.

Figura 23 - Ambientação influenciada pela cultura campo-grandense



Foto: Ana Carla F. S. Porto/ 2019

Dos 50% dos respondentes que acham que a cultura da população campo-grandense não influencia na forma de ambientar a casa, apenas um justificou a resposta, afirmando que usa como mobília e decoração o que encontra na rua, enquanto trabalha com reciclagem (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Influência da cultura local na ambientação da casa

A última questão do formulário aplicado pedia uma opinião do morador em relação ao Projeto Ação Casa Pronta e a forma como está sendo conduzido. A análise das respostas sugeriu que 100% está satisfeito com o Projeto, citando qualidades como segurança e conforto, mudança de vida e realização de sonhos. Destacam ainda, que o processo é legal, funciona, que as pessoas são responsáveis e entregam as casas sem transtornos.

Os moradores realçaram que o Projeto é muito bom, pois ofereceu casa para família necessitadas, ao passo que gerou formação profissional e garantiu o emprego de muitas pessoas (Figura 24). Citaram a ação de qualificar os moradores profissionalmente, como muito importante na vida dessas pessoas, sendo fonte de renda ao mesmo tempo em que contempla uma habitação confortável.

Figura 24 -Canteiro de obras

Foto: Ana Carla F. S. Porto/ 2019

Alguns sujeitos explicaram que não trabalham nas construções das casas, porém conhecem parentes e amigos que estão muito satisfeitos e empolgados com a nova profissão, não vendo a hora de concluírem as obras do Loteamento Bom Retiro, para então começarem as outras etapas dos projetos, nos bairros Vespasiano Martins, Jardim Canguru e José Teruel.

Um morador destacou a precisão de melhora nos acabamentos internos, e outro comentou a falta de segurança, por não ter muros ou portões nas casas, sendo cada morador o responsável por delimitar seu terreno com cercas, plantas ou alvenaria (Figura 25).

Figura 25 - Muros e improvisos



Foto: Ana Carla F. S. Porto/ 2019

Nesta última pergunta do formulário, dois depoimentos se destacaram: a moradora que fez a qualificação profissional em serviços de pedreiro, azulejista e encanador, trabalhou na construção da própria casa, e continua participando do Projeto Ação Casa Pronta, salientou a importância do projeto, a gratidão que sente pelas pessoas que estão à frente de todo esse processo, enfatizando que tudo o que eles pedem, ela faz, pois quer ser útil e retribuir a atenção, já que existem pessoas que não valorizam isso. Esta moradora ressaltou que, em 46 anos de vida, é a primeira

casa de alvenaria, com piso e forro, em que ela tem a oportunidade de morar, e lamenta o fato de o falecido esposo não ter alcançado essa dádiva.

Outra resposta de destaque foi a da moradora que articulou que o projeto é maravilhoso, apontando que agradece a Deus todos os dias pela sua casa, inclusive afirmou que: “nunca pensei em morar em uma casa dessa e estou aqui hoje, chorei tanto quando eu recebi a casa, choro de alegria, tenho uma casa.”

Ao visitar a rua onde estão as casas em construção, foi possível conversar com uma moradora em plena atividade na obra (Figura 26), realizando uma entrevista aberta, com o propósito de complementar as informações passadas pelo outro membro de sua família, que respondeu ao formulário. Esta moradora enfatizou que se sente importante, realçou sua satisfação com o Projeto Ação Casa Pronta, o sonho realizado da casa própria, em uma comunidade pacificada, em bairro com boa infraestrutura, atentando para o fato de ter sido ela quem fez toda a parte hidráulica de sua própria casa, e agora continua a trabalhar nas obras das demais residências, visto que o salário e vantagens oferecidas compensam muito para ela. Explanou, também, que após concluídas as obras, ela e algumas amigas da comunidade, todas capacitadas profissionalmente pelo programa, irão se unir e formar um grupo de mulheres para trabalhar em construções como pedreira, encanadora, azulejista e pintora. Acredita que terão sucesso na profissão, “pois as mulheres são mais caprichosas”.

Figura 26 - Moradora capacitada para trabalhar na obra⁶



Foto: Ana Carla F. S. Porto/ 2019

Acentua-se, mediante as observações *in loco* e os respondentes que atenderam ao formulário da presente pesquisa, que os moradores que habitam o

⁶ Sonia Clara Guppi Vaz, entrevista autorizada em novembro/2019.

Loteamento Bom Retiro há mais de dois anos, são àqueles que foram contemplados com suas casas na antiga gestão do município, este fato levou ao desinteresse dessas pessoas em participar do Projeto Ação Pronta, e compreender seus benefícios para toda a comunidade.

Responsabilidade, comprometimento, verdade, satisfação e conforto são as palavras mais proferidas pelos moradores e futuros habitantes da comunidade do Loteamento Bom Retiro, em se tratando da mudança de vida que o Projeto proporcionou a eles. No aporte de Schmid (2005) a casa é o local onde se quer estar acolhido, protegido, estável, e suprido das necessidades fisiológicas. De forma que esteja apto a repousar e sonhar, guarnecidos de paz para o futuro, a apreensão que se faz do espaço, se dá por meio dos sentidos vividos ou imaginados.

Mitidiero e Castilho (2011) afirmam que o território é uma ordenação de espaço no qual é atribuída uma identidade territorial aos grupos sociais que se organizam e trocam relações em todos os níveis, inclusive o patrimonial, em que o agente principal pode ser ou não uma instituição pública ou privada. No caso da comunidade em questão, é notória essa organização que vem ocorrendo em torno do espaço a eles concedido, transformando-o em território.

A concepção de cultura para Hall (2015), é vista como um conjunto de significados partilhados, além de serem entendidas como referências estéticas ou históricas representando sempre relações de poder, produto de inter-relações humanas. A presente pesquisa verificou a união dos moradores, tanto do Loteamento Bom Retiro, quanto os que serão reassentados nos outros bairros participantes do Projeto Ação Casa Pronta, em prol das construções de sua primeira casa própria, bem como as relações de partilha e auxílio ao próximo. A soma de seus conceitos e costumes formarão a identidade própria característica da comunidade do Loteamento Bom Retiro.

Nesse sentido, no aporte de Castilho, Arenhardt e Le Bourlegat (2009, p. 162), “a comunidade é uma forma de praticarmos a solidariedade e o lugar ideal para unir forças no sentido de lutar para diminuir as diferenças sociais que assolam a nossa realidade”. Essa afirmação reforça o fato de que se pode pensar de forma comunitária. Os ganhos para o grupo social serão evidentes, sendo a comunidade um lugar para se solidificar relações de cooperação ampliando atos de cidadania.

A presente pesquisa reconheceu o arcabouço teórico originado, nos diferentes aspectos observados *in loco*: além da construção da identidade e cultura, em prol da

união da comunidade, há um entrelaçamento da memória afetiva dos habitantes, com a melhoria da qualidade de vida de cada um, enquanto constroem o espaço para si, ou seja, o território.

Corroborando com os conceitos arrazoados, verificou-se que as potencialidades dos habitantes da antiga Favela Cidade de Deus II, estão sendo valorizadas, ao passo que agentes externos, aqui representados pela EMHA, em parceria com a AGEHAB E FUNSAT, fazem o papel de propulsores do projeto de desenvolvimento que está ocorrendo nos quatro bairros para onde estes moradores foram reinseridos, e aos poucos estão adentrando suas casas.

A valorização das pessoas da comunidade, como a profissionalização oferecida a elas, e a experiência do trabalho na obra, tem por intuito reinseri-los no mercado de trabalho posteriormente. Pessoas que se sentiam aquém, incapazes de transformar sua realidade, foram abastecidos de ânimo, força e energia, em prol de seu desenvolvimento socioeconômico. Essa situação vai de acordo ao que afirma Torre (2016) ao explicar que, manifestando sua dinâmica e capacidade de inovação e criatividade por meio de mobilização de forças locais, revela-se a vitalidade dos territórios.

De acordo com Barquero (1999), o aumento da produtividade e competitividade, orientam o processo de mudança estrutural das economias local e regional. Para isso, duas estratégias podem ser seguidas: uma mudança radical, formada por um conjunto de ações que prioriza a eficácia do sistema local produtivo, sem preocupação com empregos ou impacto ambiental; enquanto a estratégia de pequenos passos combina ações que aumentam a eficiência, produzindo a equidade e criação de empregos. As ações dirigidas, somadas a atuação das potências locais, superam os desafios e problemas, alcançando o Desenvolvimento Local.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender o conforto ambiental, atrelando um conjunto de conceitos que o compõe, e sua aplicação em habitações de interesse social. Considerando que esse grupo populacional não dispõe de condições de contratação profissional para projeção e decoração residencial, importa ressaltar como a cultura, identidade e memória, desenvolvidos com base nas sensações produzidas pelo espaço, podem intervir na composição residencial. Dessa forma, a ambientação da residência caracteriza as raízes do sujeito, buscando traduzir seus sonhos e desejos, e no Loteamento Bom Retiro tal ambientação é realizada de forma autodidata.

De posse dos estudos que contemplam o Desenvolvimento Local, foi possível assegurar que o território pesquisado abrange as características necessárias para um processo de desenvolvimento endógeno. O espaço está sendo territorializado pelos moradores, que já se intitulam como comunidade, carregando seus costumes, crenças e objetivos em comum.

O processo endógeno de mudança, ocorrido em pequenas unidades territoriais, como é o caso do Loteamento Bom Retiro, visa a melhoria da qualidade de vida dos atores locais, da mesma forma que explora as potencialidades nativas, viabilizando novas oportunidades socioeconômicas. Essa mobilização que acontece em torno da construção das casas das famílias reassentadas da antiga Favela Cidade de Deus II, caracteriza aspectos do Desenvolvimento Local.

A metodologia adotada permitiu um bom embasamento teórico, explanando as características, como costumes e hábitos de um povo, podendo ser traduzidos por meio do design, seja de um produto ou de um ambiente completo, permeado de sensações, relacionados à cor e luz, funcionalidade, beleza e ergonomia. Unindo todas estas características, buscou-se por um ambiente que tenha conforto ambiental e que atenda às necessidades do usuário da referida comunidade.

O levantamento de informações acerca dos habitantes e futuros habitantes do loteamento Bom Retiro, identificou o comportamento do morador, apreendeu sua opinião acerca do Projeto Ação Casa Pronta, a partir de suas experiências e deduções. Para tanto, destacou-se a necessidade de ampliação da pesquisa, realizando etapa via formulário específico para as pessoas que trabalham na obra, porém, ainda não receberam suas casas, pois existem diversas fases e situações do

Programa, que podem gerar opiniões diversas. Foi possível ter um parâmetro do tamanho do Projeto, sua eficiência, bem como associar as características do Desenvolvimento Local, como a predominância dos próprios atores, buscando sua constante evolução e independência social e financeira, frente à ambientação de suas casas, em busca de transformá-las em lar.

A percepção da pesquisa foi consistente, de modo que, com as visitas *in loco*, aplicação de formulários, entrevistas e fotografias, somando-se aos conceitos previamente estudados, percebeu-se a realidade da construção das casas desses conjuntos habitacionais, geridas pelo Município de Campo Grande e/ou Estado – MS. Embora o movimento seja longo, permeado de dificuldades, tanto da parte pública quanto da parte dos futuros moradores, o processo de desenvolvimento existe, de forma gradual.

O sonho da casa própria está sendo concretizado aos poucos por essas famílias, ao mesmo tempo em que extinguem-se as favelas, geradas pelo déficit habitacional. Verificou-se que as potencialidades dos habitantes da antiga Favela Cidade de Deus II, estão sendo valorizadas, ao passo que agentes externos, então representados pela EMHA, em parceria com a AGEHAB E FUNSAT, fazem o papel de propulsores do projeto de desenvolvimento, por meio do programa Ação Casa Pronta.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 15220** - Desempenho térmico de edificações - Parte 1: Definições, símbolos e unidades. Rio de Janeiro: ABNT, set., 2003.

ÁVILA, Vicente Fideles. **Cultura de subdesenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral: Edições UVA, 2006.

AZEVEDO, Wilton. **O que é Design**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARQUERO, Antonio Vásquez. Desenvolvimento Local: uma estratégia para o novo milênio. **REVESCO** - Revista de Estudos Cooperativos, n. 68, 1999.

BASBAUM, Sérgio Roclaw. **Sinestesia, arte e tecnologia**: fundamentos da cromossomia. São Paulo: Fapesp, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BROWN, Rachael; FARRELLY, Lorraine. **Materiais no design de interiores**. Lapa de Baixo: Gustavo Gili, 2014.

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BÜRDEK, Benhard E. **Design** - história, teoria e prática do Design de Produtos. Tradução de Freddy Van Camp. São Paulo: Blucher, 2010.

CAMPO GRANDE (município). Decreto n. 10.448, de 10/04/2008. Organiza a estrutura básica da Agência Municipal de Habitação de Campo Grande - EMHA, e dá outras providências. **Diogrande** Diário Oficial de Campo Grande, n. 2.520, de 11 de abril de 2008.

CAMPO GRANDE (município). **Cartilha ação casa pronta**. Campo Grande: PMCG, 2018.

CARVALHO; GONÇALVES; YUBA, 2019. Emprego de objetivos de Desenvolvimento sustentável da ONU na produção de habitação social. **EURO ELECS**, 2019, p. 94. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-BfJaKE27wmrmUf2LlupR1fjJlaVFPAJ/view>. Acesso em 10 jul 2019.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2008.

CASTILHO, Maria Augusta; ARENHARDT, Mauro Mallmann; LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local

no assentamento aroeira, Chapadão do Sul. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, UCDB, v. 10, p. 159-169, 2009.

CIANCIARDINI, Glaucus. **Psicologia para decoração. Revista Mente e Cérebro**, n. 204, Jan. 2010. Disponível em: <https://revistamentecerebro.uol.com.br>. Acesso em: 24 out. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CORREIO DO ESTADO, 2018. **De 128, apenas 40 casas devem ser entregues no Bom Retiro**. Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/cidades/de-128- apenas-40-casas-devem-ser-entregues-no-bom-retiro/329491/>. Acesso em: 20 abril 2019.

ENCONTRA MS. **Sobre Campo Grande**. Disponível em: <https://www.encontramatogrossodosul.com.br/sobre-campo-grande.html>. Acesso em: 5 out. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIBBS, Jenny. **Design de interiores: guia útil para estudantes e profissionais**. Traduzido por Claudia Ardions Espasandin. 1ª edição, 6ª impressão. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2017.

GOMES FILHO, João. **Ergonomia do objeto** - Sistema Técnico de Leitura Ergonômica. São Paulo: Escrituras, 2003.

GONÇALVES, Gabriel de Lima. **Informações sobre a EMHA e o programa Ação Casa Pronta**. Entrevista concedida a Ana Carla Fiirst dos Santos Porto. Campo Grande, 08 jun, 2019. Gravação no celular (56 min.)

GUERRINI, Délio Pereira. **Iluminação: teoria e projeto**. São Paulo: Érica, 2008.

GUIZZO, José Octávio. Entrevista. In: RAMIRES, Mario; CHACHA, Neusa. Cultura sulmatogrossense? **Revista Grifo**. Campo grande: Editora Matogrossense, jan., 1979.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços: design de interiores**. São Paulo: Senac, 2011.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais**. São Paulo: Senac, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População** - Campo Grande. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/campo-grande/panorama>. Acesso em: 10 set. 2019.

IEA. Associação Internacional de Ergonomia. **Definição e domínios de ergonomia**. Disponível em: <https://www.iea.cc/whats/index.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

KENCHIAN, Alexandre. **Estudos de modelos e técnicas para projeto e dimensionamento dos espaços da habitação**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LACY, Marie Louise. **O poder das cores no equilíbrio dos ambientes**. São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda, 1996.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando O. R. **Eficiência energética na arquitetura**. 2. ed. São Paulo: ProLivros, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge, 2001.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Ordem Local como força interna de desenvolvimento Local. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 1, n. 1, p. 13-20, set., 2000.

LE MOS, Carolina Teles. A (re)construção do conceito de comunidade como um desafio à sociologia da religião. **Estudos de religião**, v. 23, n. 36, p. 201-216, jan./jun., 2009.

LIMA, Mariana. **Percepção visual aplicada à arquitetura e iluminação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial**. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

MITIDIERO, Marilda Batista; CASTILHO, Maria Augusta. **O Museu José Antônio Pereira: a educação patrimonial no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande** - MS. Campo Grande: Gráfica Mundial, 2011.

PEREIRA, Eurípedes Barsanulfo. **História da fundação de Campo Grande**. Campo Grande: Edição do autor, 2001.

PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança; CRIVELARO, Marcos. **Conforto ambiental: iluminação, cores, ergonomia, paisagismo e critérios para projetos**. São Paulo. Érica, 2014.

PLATCHECK, Elizabeth Regina. **Design industrial: metodologia de ecodesign para o desenvolvimento de produtos sustentáveis**. São Paulo: Atlas, 2012.

POMPEU JÚNIOR, Azael. Que calor! Moda, violência, saúde, alimentação são influenciados pelo forte calor da capital. **VISÃO** - Revista experimental do curso de jornalismo da UCDB Oitavo Semestre, Campo Grande, n. 2, dez., 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REDFIELD, Robert. **Little community and peasant society and culture**. Chicago & London: University of Chicago Press, 1989.

RIBEIRO, Sônia Marques Antunes; LOURENÇO, Carolina Amorim. Bauhaus: uma pedagogia para o design. **Estudos em Design** | Revista (online). Rio de Janeiro, v.

20, n. 1, p. 1-24, [2012. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/87/84>. Acesso em: 10 abr. 2019.

RODRIGUES, J. Barbosa. **História de Campo Grande**. São Paulo: Resenha Tributária Ltda, 1980.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SCHMID, Aloísio Leoni. **A idéia de conforto** - Reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005.

SIGRIST, Marlei. A resistência cultural do povo paraguaio. **ARCA** - Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande - MS, Campo Grande, n. 4, dez., 1993

SILVA, Mauri. **Luz, lâmpadas & iluminação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2004.

TAGLIARI, Ana; GALLO, Haroldo. O movimento inglês Arts and Crafts. *In: Anais... III ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE* - IFCH/ Unicamp, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2007/TAGLIARI,%20Ana%20e%20GALLO,%20Haroldo.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

TORRE, André. **Para compreender o Desenvolvimento Territorial**.

ZAMBERLAN, Maria Cristina Palmer Lima. **Entrevista - atenção aos limites do ser humano**, v. 11, fev., 2013.

ZARDO, Edgard. **De prosa e segredo Campo Grande segue o seu curso** - Tributo ao Centenário. Campo Grande: SERGRAF, 1999.

APÊNDICE

Formulário - Loteamento Bom Retiro

Este formulário refere-se à pesquisa de campo da pesquisadora **Ana Carla Fiirst dos Santos Porto**, mestranda em Desenvolvimento Local, na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), como parte do desenvolvimento de sua dissertação, sob orientação da Profª Drª Maria Augusta de Castilho.

1-DADOS PESSOAIS

1.1 Nome:_____

1.2 Idade:_____ 1.3 Sexo:_____ 1.4 Cidade onde nasceu:_____

1.5 Estado Civil:

() Solteiro () Casado () Viúvo () Divorciado / Separado () União Estável

2 – DADOS SOCIOECONÔMICOS

2.1 Onde você morava, antes de ter a oportunidade de vir para cá?

2.2 Quantas pessoas moram com você nesta casa?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () mais de 5

2.3 Trabalha atualmente?

() Sim, no projeto. () Sim, de forma autônoma.

() Sim, registrado. () Não trabalho.

2.4 Nível de escolaridade.

() Fundamental incompleto () Fundamental completo. () Médio incompleto

() Médio completo () Superior incompleto () Superior completo

2.5 Possui alguma formação profissional?

() SIM () NÃO

Se sim, qual?_____

3- DADOS ESPECÍFICOS PARA A PESQUISA

3.1 Obteve (ou pretende obter) ajuda profissional para ambientação de sua casa?

() SIM () NÃO

3.2 Em que se baseia para mobiliar e decorar sua casa?

() Novelas/ programas de televisão () Revistas e jornais

() Casas de amigos e vizinhos () Outro

Se outro, especifique: _____

3.3 Como escolheu a cor da fachada?

3.4 Sua casa é confortável?

() SIM () NÃO

Explique: _____

3.5 A cultura campo-grandense influencia na forma como você decora sua casa?

() SIM () NÃO

Explique.

3.6 Dê sua opinião sobre o Programa Ação Casa Pronta.

3.7 Posso tirar algumas fotos da sua casa?

() SIM () NÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____
 _____, CPF _____, RG _____, residente e
 domiciliado na Rua _____, nº _____,
 CEP _____, na cidade de _____, após apreciar
 e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa e estar ciente da
 necessidade do uso de meu depoimento, **AUTORIZO**, por meio do presente termo, a
 pesquisadora **Ana Carla Fiirst dos Santos Porto**, mestranda em Desenvolvimento
 Local, na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a realizar as fotos que se façam
 necessárias, meu depoimento gravado/escrito e a utilização dos documentos
 indispensáveis a realização da referida pesquisa. Informo também, que a utilização
 das imagens, depoimentos e documentos, estão liberados somente para fins
 científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor da pesquisadora acima citada.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO Assino e concordo com a publicação dos resultados acima citados, inclusive reprodução de fotos tiradas no ato dessa entrevista.		Campo Grande, _____ / _____ /2019
Nome completo:	_____ _____ _____	Assinatura: _____